

Nilson Lage
Jornalista

A lucidez de um Dom Quixote contemporâneo que não se cansa de lutar contra dragões do mau jornalismo

De tanto ler jornais, de tanto buscar informações, decide se tornar, ele também, um jornalista. Para tanto, recorre a uma "armadura" de conhecimento herdada do pai e a uma disciplina militar imposta pelo colégio, mas, principalmente, por ele mesmo. Como todo cavaleiro, nosso jornalista precisa de uma dama a quem honrar. Ele escolhe, então, a verdade como princípio básico de vida. O plano era desfazer injustiças e combater gigantes e dragões através do dom da palavra. Nosso Dom Quixote contemporâneo não é louco. Pelo contrário. É muito lúcido e articulado, mas isso não quer dizer que ele ande distante da "loucura nossa de todo dia".

Nilson Lemos Lage quis cursar medicina, mas largou o curso por não concordar com o posicionamento de, ninguém mais, ninguém menos, Freud. Não confundamos isso com soberba. É a alta criticidade de quem tem leitura e fundamentos para tal. Cursou letras com habilitação em russo porque queria ler as ideias novas de autores do país que estava em ascensão. Não se tornou um médico e, muito menos, um professor de russo. Não cursou jornalismo, entretanto, como possam imaginar. Virou jornalista autodidata sem diploma na mão, mas com uma experiência que só se consegue na prática e na vontade de crescer que ele tinha – e ainda tem.

O carioca de 74 anos, e com 50 deles dedicados com paixão ao jornalismo, às aulas e ao conhecimento, ainda continua, sem medo, na luta contra esses dragões e gigantes que teimam em deturpar a verdade. Não tem papas na língua, fala alto, tem argumentos fortes, é polêmico, mas convence até quem tem opinião totalmente diferente da dele. Se não convence, fomenta o debate, instiga e vai até as últimas consequências para defender a própria opinião. Não, isso não significa que é um senhor turrão com ideias ultrapassadas e cabeça dura. É capaz de fazer todo um percurso de volta se percebe que a opinião dele não se encaixa mais num determinado contexto.

Se não sabe multiplicar os números, sabe, como poucos, multiplicar o conhecimento, multiplicar as palavras. Prova disso é que ele fala rápido e não gosta de ser interrompido quando está divagando nas lembranças de

infância, de jornalista, de professor, de pai e de filho, como se não quisesse perder nenhuma delas, como se não quisesse perder nenhuma informação em meio a tanta história de vida.

É, apesar de todo o talento, de toda a vontade de continuar, um dia, o cavaleiro tem de parar, descansar, mesmo que a contragosto. O desejo de ser útil é um pensamento constante, mas mal sabe ele que já é de suma importância para quem dá os primeiros, e ainda tímidos passos, no Jornalismo. É como se fosse a história do Dom Quixote original: enquanto todos acham que, com a destruição dos livros, o herói desistiria de seus objetivos, ele resolve voltar à aventura acompanhado do fiel escudeiro Sancho Pança. Assim como ele, Nilson Lage driblou a aposentadoria compulsória que o impedia de continuar fazendo o que mais gostava e voltou à luta na companhia das novas ideias, da tecnologia a favor da informação, dos livros ainda a serem lançados, do Pilates, do Tango...

Seja lutando contra dragões e gigantes imaginários ou bastante reais, seja lutando contra inofensivos moinhos de vento, nosso Dom Quixote de um olho cego não desanima, não foge à luta, se reinventa, se inquieta, se indigna com as injustiças, com a falta da verdade, com a falta de compromisso com o Jornalismo e fala para quem quiser ouvir que está vivo, ativo, que tem muito pra aprender e, principalmente, muito a ensinar.

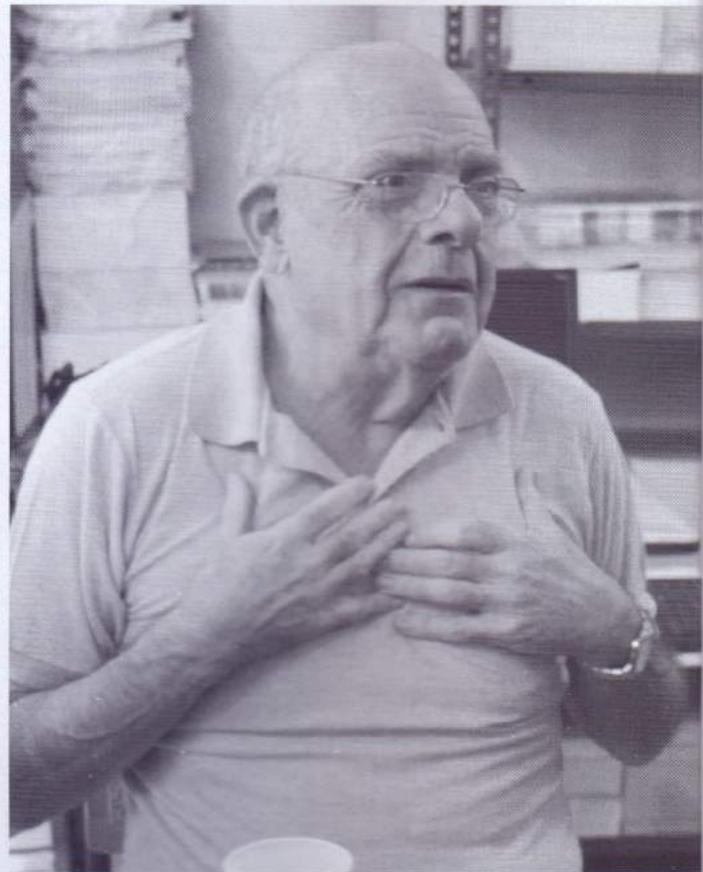
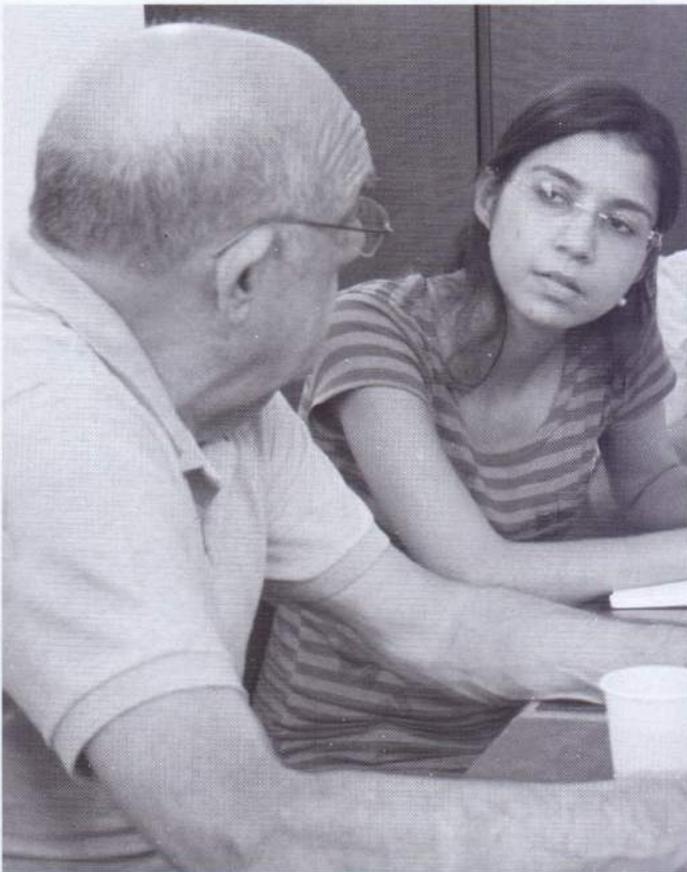
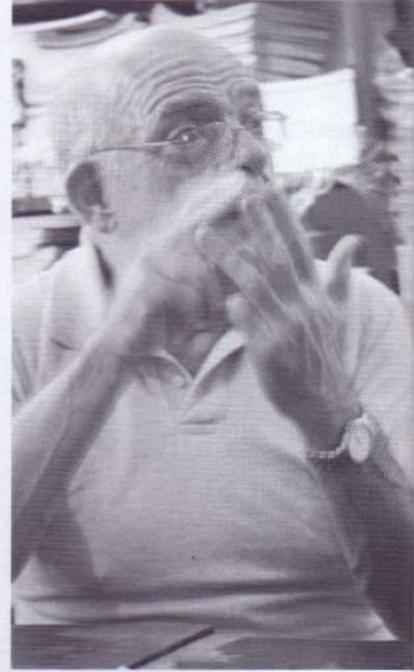
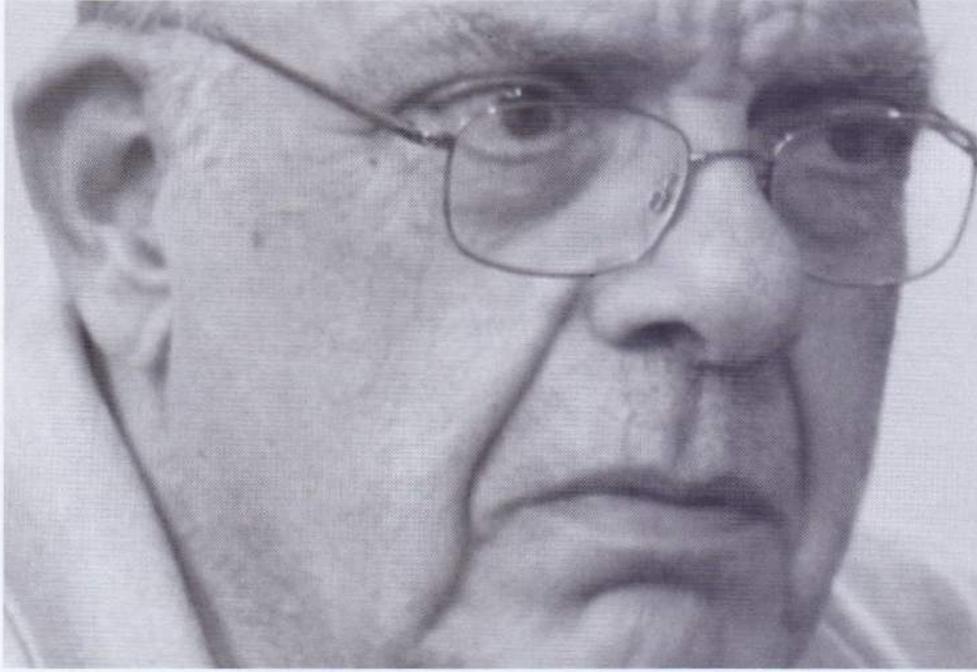
Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Camila Torres
Gabriela Ramos

Texto de abertura:
Carol Cavalcante

Entrevistadores:
Amanda Souto Maior
Anna Cavalcanti
Camila Torres
Carol Cavalcante
Cinara Sá
Gabriela Ramos
George Pedrosa
Liana Dodt
Livia Pontes
Raphaelle Batista

Fotografia:
Evelyn Onofre



Entrevista com Nilson Lage, no dia 4 de abril de 2011.

Camila – Na pré-entrevista que nós fizemos por telefone, o senhor nos disse que “pai é uma figura que cresce quando a gente envelhece”. Disse também que na infância o papel principal é da mãe e depois isso muda. Como se deu essa mudança na sua vida? E como surgiu essa admiração pelo seu pai?

Nilson Lage – Meu pai (*Álvaro Gonçalves Lage*) era um operário, mas era um operário incomum. Estudou, falava francês, fez até o segundo grau – o que na época era um feito –, carregava caixote, fazia a escrita na firma. Era um homem incomum nesse aspecto. E tinha uma integridade impressionante! Em certa ocasião na vida, (*quando*) ele atendia em loja de calçados, um sujeito rico ofereceu a ele uma sociedade para fazer uma casa de calçados. Porque, na época, a freguesia, elite, falava francês, e ele (*o pai*) falava francês. Ele atendia bem, tinha uma freguesia própria, algumas personalidades da época. Então, o sujeito propôs isso, eles montaram uma sapataria e ele (*o pai*) passou um tempo trabalhando na sapataria. Mas, um belo dia, o capitalista se meteu em outro negócio e faliu. Faliu e deixou a firma entupida de dívidas. Ele (*o pai*) era minoritário, tinha 20% do capital, não precisava fazer nada. O que ele fez: pagou a dívida até o fim. E foi depois carregar saco de cimento na cabeça. São coisas que, quando você é garoto, você não entende. Mas, quando a vida vai passando, você vai vendo que isso é uma coisa rara, que as pessoas normalmente não são assim. Essa lição de inteireza é a melhor lição que ele podia me dar.

Gabriela – Durante a produção, o senhor também nos contou que aprendeu a ler muito cedo. Seu processo de aquisição da leitura se deu aos três anos de idade. Também durante a produção, nós conversamos com a sua esposa, Nildes, que nos falou que o senhor ganhou o primeiro livro, com palavras muito difíceis, de uma tia. Como se deu esse processo de aquisição da leitura e seu interesse por ela?

Nilson Lage – Eu morava em frente ao estádio do América Futebol Clube do Rio de Janeiro. “Hei de torcer, torcer, torcer. Hei de torcer até morrer, morrer, morrer” (*o entrevistado canta um trecho do hino do clube, criado pelo compositor Lamartine Babo*

– 1904-1963). Bom, eu morava em frente e tinha aquele bando de cartazes na porta. Eu lia aqueles cartazes e isso despertou o interesse das pessoas. As pessoas começaram a dizer: “Ô, lê pra mim, lê pra mim”. Isso em criança é um estímulo desgraçado! A criança quer sempre aparecer. Imaginei que fosse o astro do filme e comecei a aparecer. Por outro lado, meu pai sempre trazia para casa jornais. Jornais com manchetes que falavam sempre da Segunda Guerra Mundial. Era no tempo da Segunda Guerra (*1939-1945*). Naquela época, na primeira página, só tinha noticiário internacional, não havia noticiário nacional. E as manchetes falavam da guerra, que era um assunto muito candente, muito tormentoso. Eu tinha parentes que foram para FEB (*Força Expedicionária Brasileira – força militar que lutou ao lado dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial*). Lutaram, inclusive um morreu, e os outros voltaram neuróticos. Desesperadamente neuróticos! Pois, então, nós tínhamos interesse por isso. Eu tinha um interesse por isso muito grande.

Daí eu comecei a ler, e esbarrava com palavras horríveis em alemão. Tentava entender o que era e tal. Além disso, eu comecei a fazer conta, somava e diminuía. Eu não aprendi a multiplicar, até hoje eu não multiplico direito. Por isso, quando me levaram para a escola aos seis anos, me puseram na 3ª série. O que significa que, quando eu tinha oito anos, eu tinha terminado o primário, a 4ª série. O ginásio pressupunha um concurso, porque a minha ideia era fazer um colégio bom e eu queria fazer o Colégio Militar (*refere-se ao Colégio Militar do Rio de Janeiro*), que eu gostava do colégio. Até por causa do clima da guerra e tal... A guerra estava ainda em curso. No Colégio Militar, a admissão, como nos outros colégios, só se fazia aos 11 anos. Antes dos 11 anos não se podia fazer concurso. Então, eu tinha oito para nove anos, meu pai me matriculou em uma escola particular, fazendo um sacrifício desgraçado para eu fazer a 4ª série de novo. Eu fiz a 4ª série de novo, mas aquilo para mim era um saco! Já tinha feito aquilo, achava aquilo uma bobagem... E comecei.

A essa altura eu já tinha outros interesses, mas fui levando. No fim, terminou o ano, eu tinha nove anos e não tinha os tais

Camila e Raphaelle são do PETCom da UFC e estavam envolvidas nos preparativos da II Semana de Jornalismo, em que um dos convidados era o jornalista Nilson Lage. Diante da confirmação dele no evento, Camila logo o indicou para a entrevista.

Com a data da entrevista marcada, todos ficaram receosos em fazer parte da produção. Camila e Carol enfrentariam o desafio. Logo, ficaram sabendo através de Lage que sua filha Clara estava em Fortaleza, o que resultaria em um ótimo material de produção.

Sem o número de celular e email de Clara Lage, Camila e Carol esperaram a filha do jornalista do lado de fora de um evento de Matemática que estava ocorrendo na UFC, no qual ela participava. A garota foi reconhecida pela foto do Facebook.

11 para entrar. Nessa época, houve a primeira eleição no Brasil depois da ditadura (*refere-se ao regime político fundado por Getúlio Vargas, o Estado Novo*), em 1946. Meu pai aproveitou-se da circunstância, procurou um político, colocou o único paleto que ele tinha e me levou para o político. Chegou lá, ele falou com o político e o político entrou com um mandado de segurança e obteve a liminar. Com base na liminar, eu fiz o concurso. Passei entre os primeiros lugares, não sei se 3º, 4º ou 5º lugar... E entrei no colégio. O mandado não foi acompanhado, porque ele só entrou com o pedido e depois abandonou... Quando o mandado foi negado, em linguagem jurídica foi denegado, quando eu estava na 3ª série, o comando entendeu e todo muito entenderia que eu tinha direito adquirido. Não podia voltar a zero. Por isso, eu fiz o curso muito antes dos outros. Isso não foi bom e não é bom. Quando uma criança tem um problema desse tipo, ela deve ser acompanhada. Porque isso cria problemas muito sérios, sobretudo na adolescência. Você já imaginou você ter dez anos e o colega ter 14? A diferença mental, física e o que isso dói na pessoa? Como o garoto se sente tímido, inferior... É terrível!

Carol – Esse isolamento, devido à diferença de idade, incentivou o senhor a procurar companhia e divertimento na leitura?

Nilson Lage – De certa maneira, sim. Porque eu tinha duas maneiras de me destacar. Uma delas era como um sujeito que sabia das coisas. Então, eu fui saber das coisas. Não bem ler, mas saber das coisas, aprender. Em segundo lugar, criando uma máscara de seriedade e de respeitabilidade que eu procurei criar. O que me fazia ser o consultor, o conselheiro deles todos. Algo

“As pessoas começaram a dizer: ‘Ô, lê pra mim, lê pra mim’. Isso em criança é um estímulo desgraçado! A criança quer sempre aparecer.”

Na noite do mesmo dia, Camila e Carol realizaram uma breve entrevista com Clara, no hotel onde a moça estava hospedada. Clara Lage foi muito atenciosa e solícita, porém é muito reservada. Parece não querer falar muito sobre a vida do pai.

extremamente delicado. Os garotos me contavam as aventuras amorosas deles e eu tinha de solucionar aqueles problemas, mas eu não tinha a menor consciência de como seriam. Era muito engraçado, mas, de qualquer maneira, funcionou assim. Às vezes, tinha até histórias cabulosas, histórias terríveis! E eu tinha de dar conta daquelas coisas. Então, a razão é essa. Quando eu tinha 11 anos, a minha tia, tia Sílvia, me deu *Os Sertões* (*obra publicada em 1902*), de Euclides da Cunha (*escritor, sociólogo, repórter, historiador, geógrafo, poeta e engenheiro brasileiro, 1866-1909*), numa edição antiga, em ortografia antiga, antes da reforma (*refere-se ao acordo ortográfico de 1943*). E eu comecei a ler aquilo. Mas sem orientação nenhuma... Se fosse hoje, eu leria diretamente a narrativa, que é muito interessante, e abandonaria o prefácio, que é uma análise geológica da terra e antropológica do homem, com base na antropologia da época. Mas eu imbecilmente me meti na análise antropológica.

Raphaelle – Voltando à questão da diferença de idade. O senhor disse que é uma coisa que precisava ser acompanhada quando a criança passa por isso. O senhor se sentiu discriminado em algum momento?

Nilson Lage – Não. Os colegas, por incrível que pareça, foram extremamente gentis. Você imagine um ambiente militar: aqueles salões enormes, com chuveiros, e os alunos todos despídos tomando banho. Eu era criança, os outros eram rapazes. Uma situação, para mim, dolorosa ao extremo. Uma vergonha horrorosa! Aquele banho que vinha depois da educação física era um sacrifício enorme para mim, porque eu era criança. No entanto, ninguém jamais tocou no assunto, ninguém jamais me destratou. Trataram-me sempre com consideração, até com respeito, me pedindo opinião sobre as coisas. Nunca tive essa discriminação.

George – O senhor diria que o senhor desenvolveu um sentimento de patriotismo durante essa época?

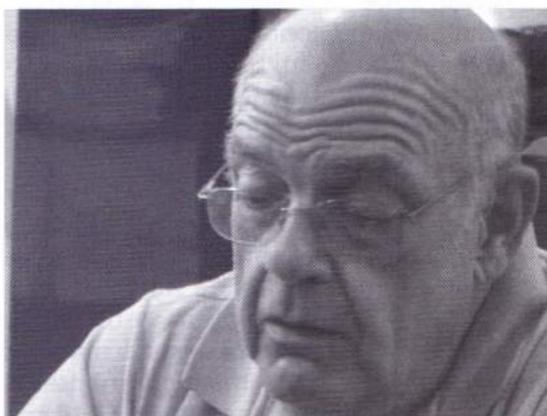
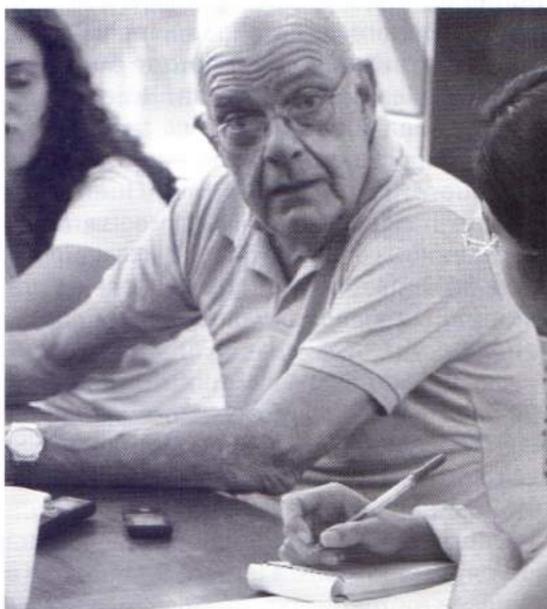
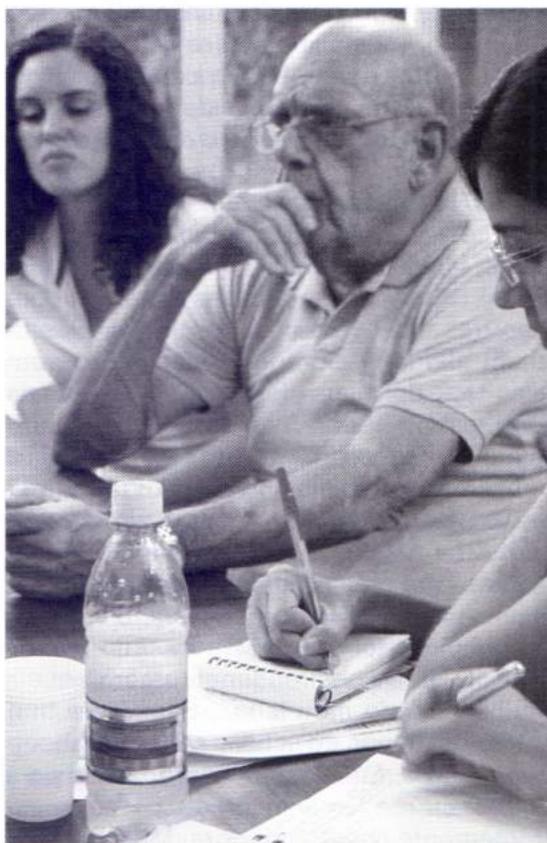
Nilson Lage – Muito. Uma das coisas que me doeram, nessa ditadura militar, é que eu devo muito ao Exército. Tudo o que eu aprendi, na verdade, eu aprendi no Colégio Militar. Eu peguei uma época do ensino que não vai se reproduzir nunca. Primeiro, toda essa civilização que foi criada, em nome da liberdade que, na verdade, escraviza, não existia. Por exemplo, eu operei fuzil com 13 anos, operei metralhadora com 14 ou 15 anos. Eu era um aluno igual aos outros. Hoje, as pessoas se formam pelo Colégio Naval – eu sei porque minha filha é oficial da Marinha – com 17 ou 18 anos,

recebem a patente de sargento e nunca pegaram numa arma. Porque é proibido pegar em arma até os 18 anos, no princípio de que a arma é o crime. O problema não é a arma, o problema é o criminoso. Eu tive experiências muito interessantes. Agora, o curso em si, não existirá mais. Para dar uma ideia era um curso em tempo integral: manhã, tarde e noite. Nós tínhamos aula de educação física, treinamento militar e aula o tempo todo. O currículo compreendia sete anos de inglês, sete anos de francês, seis anos de latim, dois anos de grego, dois anos de espanhol. Era um negócio pesado! A matemática não era dada como matemática. Era dada como disciplina isolada: aritmética, álgebra, geometria e trigonometria. E o nível que se alcançou, nós chegamos no último ano... Nós demos cálculo integral, derivadas. Quer dizer, o nível de exigência era cavalariço e a disciplina rígida. Aí eu aprendi outra coisa importante: não se aprende nada sem disciplina. Não adianta. Ou você tem disciplina ou você não aprende. Aprender é um troço chato.

Liana – O senhor está falando do Colégio Militar com relação à disciplina e a esse estudo diferenciado que teve. O senhor chegou, aos 17 anos, a fazer o curso de medicina. Logo depois, também começou a trabalhar no jornal *Diário Carioca* (*jornal fundado em 1928. Fechou em dezembro de 1965*)...

Nilson Lage – É, logo depois. Eu comecei medicina e para sustentar a medicina eu tive de procurar alguma coisa. E eu procurei inicialmente revisão de jornal, que é uma coisa que ocorre à noite, 11 horas, meia-noite, uma hora da manhã... E, portanto, não atrapalharia a faculdade de medicina, que era manhã, tarde e noite. Era um negócio terrível! Nos lugares mais estranhos da cidade, numa cidade grande, como o Rio de Janeiro. De manhã era na Gávea (*bairro na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro*), de noite não sei onde era... Tinha lá no São Sebastião, que era num outro lugar completamente diferente. Então, o que é que eu fiz: procurei um lugar que eu pudesse (*trabalhar*)... E a minha ideia era fazer revisão.

Essa história eu vou contar porque é muito interessante, é uma das mais engraçadas que eu já ouvi. Para estabelecer esse contato, eu tinha um amigo, primo de um colega, chamado Sérgio Matos, que tocava violão, um violonista excelente. Então, o Sérgio Matos falou com o Zé Ramos (*refere-se ao jornalista e crítico musical José Ramos Tinhorão*), que trabalhava no *Diário Carioca*. O Zé Ramos só poderia me atender na hora em que ele terminasse de trabalhar,



As duas voltaram um pouco decepcionadas, pois a jovem era muito tímida e a entrevista com ela durou apenas dez minutos. Na mesma semana, Gabriela entrou para a produção e Carol passou a produzir a entrevista de Silvério Pereira, nome que ela havia indicado.

Com muitas atribuições da Semana de Jornalismo, Camila estava preocupada em confundir a cabeça do entrevistado. Eram várias ligações sobre assuntos diferentes. Para evitar esses problemas, quando era para tratar sobre a entrevista, Gabriela telefonava.

Foi solicitada uma lista de contatos ao entrevistado para realizar a produção, o que logo foi atendido. O grande problema: a maioria dos números não estava correta e alguns endereços de e-mails não eram mais utilizados.

meia-noite, uma hora da manhã... E quando ele terminava, ele ia pra casa de uma dupla de fotógrafos que trabalhava com modelos, com fotografia de publicidade, em Botafogo (*bairro nobre da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro*). E eu fui com o Sérgio Matos para essa casa em Botafogo. Era uma casa de vila. Na cozinha, estava a mãe deles fazendo comida. Naquele momento, eu descobri que aqueles irmãos, como eles trabalhavam com luz artificial, eles tinham a vida ao contrário: eles acordavam a noite e dormiam de dia. Então, naquela hora, estava sendo feito o almoço. E eu fiquei lá. Chegou o Tinhorão, e eu comecei a conversar com ele e coisa e tal. Eu tinha 17 anos... De repente, serviam o almoço. Eu sentei na mesa para almoçar, e vieram os irmãos com uma modelo de penhoar (*robe leve*). A modelo sentou do meu lado, abriu o penhoar e foi dormir. Agora, eu tinha 17 anos. O meu constrangimento com aquela mulher nua do meu lado... Bonita pra burro! Pelos menos eu achei. E ali sem saber o que eu fazia. Eu não estava preparado para aquilo. Eu me lembro como uma coisa extremamente constrangedora. Mas, naquele momento, naquela cultura, aquilo era uma coisa de extrema naturalidade. Inclusive foi uma coisa que eu guardei porque eu passei a ver a nudez de outra forma. Hoje eu não vejo a nudez como uma coisa tão erótica, em geral como as pessoas veem. Eu percebi que é uma coisa normal. Quer dizer, a gente nasceu assim. Não precisa tá se escondendo... Aquela descoberta veio de sopa. Foi uma emoção terrível! Você aí, por exemplo, imagina. (*falando com George. Todos riem*).

Carol – Professor, o senhor disse que a sua vontade de fazer jornalismo veio a partir da conscientização que o senhor tinha sobre a guerra... Mas como foi que descobriram o senhor para o jornalismo?

Gabriela – O senhor falou em palestra que para ser jornalista tem de ter vocação e foi nesse momento também?

Nilson Lage – Eu não sei. Olha, na verdade, eu tinha uma condição boa, porque eu escrevia certo. Então, tudo o que me faltava era aprender técnica. Na época, estava sendo introduzida a técnica do *lead* (*termo utilizado no jornalismo para referir-se ao primeiro parágrafo da notícia que fornece ao leitor a informação básica sobre o tema*). E o jornal que estava introduzindo era justamente o jornal para onde fui levado. Eu escrevia certo, tinha uma noção de língua razoável, lia em inglês, peguei os manuais americanos e li. Li os manuais e aprendi aquela técnica, como se fazia aquilo. E co-

“Você imagine um ambiente militar: aqueles salões enormes, com chuveiros, e os alunos todos despídos tomando banho. Eu era criança, os outros, rapazes.”

mecei a praticar com outras pessoas que também faziam, o Tinhorão fazia muito bem, e outros... Formamos um grupo que lidava com esse texto bem. Esse grupo rapidamente se valorizou, porque, quando os jornais adotaram, esse negócio passou a ser fundamental. E eu, de repente, tive uma ascensão muito rápida. Na verdade, nessa etapa, eu fui repórter seis ou sete meses. Passei logo para redator, logo depois para editor, depois para secretário, depois a chefe de redação. Na verdade, eu tive uma carreira meteórica por causa desse domínio de técnicas. Isso foi uma coisa muito estimulante, porque, na carência que eu estava, essa possibilidade de repente de partir do nada a ter um salário alto... Uma coisa mais estimulante que essa não existe. Tanto que, quando eu cheguei num ponto na faculdade de medicina, eu continuei estudando medicina, aos poucos, já mais devagar. Passei a trancar matrícula, fazer uma disciplina às três, porque o jornal me absorvia muito. Mas, enquanto meu pai foi vivo, eu continuei com a Medicina, porque ele tinha muito gosto. Quando meu pai morreu, eu saí da faculdade. Eu ia visitar meu pai, internado, e ele dizia: “Ah, esse aqui é o doutor fulano, meu filho”. Eu tive de segurar aquilo.

Raphaelle – O senhor acha que se ele não tivesse morrido naquele momento o senhor teria continuado a faculdade de medicina?

Nilson Lage – Eu acho que sim. Eu não tinha condições de parar. Eu não tinha coragem (*emocionado, o entrevistado faz pausa*).

Liana – Paralelamente ao jornalismo?

Nilson Lage – Aí entra outra coisa, outro caso interessante. Nós tínhamos uma aula no Hospital da Gávea, Zona Sul do Rio

A produção contava com um grande desafio: localizar pessoas em outros estados e realizar toda a produção à distância. A disposição e boa vontade dos amigos e familiares de Nilson foram fundamentais para finalizar o trabalho de produção no tempo esperado.

de Janeiro, às sete da manhã, e eu morava em Inhaúma, um bairro proletário, do outro lado da cidade, bem ruim. Saía do jornal de madrugada, uma hora da manhã, duas horas... Tinha dificuldade inclusive de pegar condução para ir pra casa e tal. Essa hora, condução é rara... Então, chegava em casa três horas, três e pouco. Para chegar à Gávea às sete, eu teria de sair às quatro da manhã. Então, eu não ia dormir. O que é que eu fazia? Dormia na mesa da redação. Era um sacrifício desgraçado! Era eu e dois sargentos que tínhamos esse problema. Infelizmente, eu entrei numa faculdade que os alunos eram muito ricos. Na faculdade, todos os alunos eram chiques.

Gabriela – Qual foi a faculdade?

Nilson Lage – Ciências médicas, da Universidade do Distrito Federal, atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Bom, nós negociamos. “Professor, o senhor poderia dar essa aula um pouco mais tarde?”. Ele disse: “Posso. Pode ser às nove horas. Vocês têm aula nesse horário?”. “Não, não temos não. Nove horas, tudo certo”. A turma se reuniu e, por maioria, como queriam ir à praia, manteve-se o horário de sete horas e eu não pude fazer a disciplina. Nem eu, nem os sargentos. Eu aprendi o que é democracia... Os limites da democracia. Eu passei a relativizar o discurso democrático.

Gabriela – E a vocação para o jornalismo?

Nilson Lage – Olha, ocasionalmente eu tenho a impressão que a coisa se criou a partir desse contexto. Eu não vou dizer a você que eu tinha uma vocação, eu queria ser jornalista, porque na época jornalismo era uma profissão absolutamente secundária, totalmente desprestigiada, profissão de marginal. Era tão profissão de marginal que, quando eu comecei a fazer reportagem, precisei comprar um terno, e fui numa loja de ternos populares, que vendia um paletó e duas calças. Geralmente, quem anda na rua, vendedor e tal, gasta muita calça e o paletó gasta menos. Eu fiz o crediário do terno e na hora de botar a profissão eu disse jornalista. O vendedor disse: “Por favor, não faz isso não. Põe comerciário. Se botar jornalista, eles não vendem”. Era assim, não havia escola e o sujeito pegava a carteira de jornalista para dar carteirada em tudo quanto é canto. Não tinha um policial de trânsito que não tivesse carteira de jornalista; não tinha um bandido, um bicheiro que não tivesse carteira de jornalista. Então, faziam jornais hipotéticos, jornais fictícios, jornais que tiravam 50 exemplares, só para ter um registro de poder ser jornalista. Era uma profissão desqualificada! Ninguém poderia pretender uma profissão

dessas. Sobretudo uma pessoa que estava pensando em sobreviver. No meu caso, eu bati lá porque bati lá.

Anna – Professor, por que o senhor acha que a profissão de jornalista foi se desvalorizando ao longo do tempo?

Nilson Lage – Há uma razão histórica. O jornalismo no Império era uma profissão prestigiada pelos seus intelectuais. Os jornalistas eram intelectuais. Machado de Assis, tipicamente isso. Machado de Assis, Raul Pompéia, intelectuais... E os jornais eram apoiados e segurados pelos mecenatos do Imperador. O Imperador era um homem culto. Embora não fosse brilhante, mas era um homem culto, e tinha muito gosto que o Brasil tivesse uma imprensa boa. E era um sujeito extremamente democrático, era uma das figuras mais interessantes do Brasil, afora Getúlio Vargas. A segunda pessoa depois de Getúlio Vargas era Dom Pedro II. Uma pessoa extremamente interessante, com histórias de democracia incríveis. E esse cidadão mantinha aquela coisa com a imprensa, tanto que a imprensa abolicionista era apoiada tanto quanto a outra, não tinha problema. Muito bem, ocorre que com a República, tentou-se... A República criou os Estados Unidos do Brasil, o modelo era americano. Só que o Brasil não tinha a estrutura que os Estados Unidos tinham. Então, a imprensa... Quem que ia sustentar a imprensa? Não havia agência de publicidade, não havia um negócio publicitário correto... A picaretagem. Os picaretas iam invadir as redações. Passou a haver o jornalista corretor, que não era jornalista coisa nenhuma! E houve um declínio da linguagem do jornal, que passou a ser uma linguagem muito pedante. Não mais a linguagem intelectual, mas uma linguagem falsamente intelectual, que marca a imprensa da primeira metade do século. Essa decadência é bem retratada, por exemplo, por Lima Barreto (*jornalista e escritor brasileiro da época da República Velha*). Os livros de Lima Barreto tratam desse momento, da decadência da imprensa brasileira.

Um pouco mais tarde, logo depois, começam a surgir os magnatas locais. O Irineu Marinho (*pai de Roberto Marinho – fundador dos jornais A Noite e O Globo*), o Roberto Marinho (*herdeiro do jornal O Globo, fundou as Organizações Globo*) e o Chateaubriand (*Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, um dos mais importantes nomes da Comunicação no Brasil*), os dois principais. E outros poucos regionais, mas esses dois principais. Como é que funcionava a coisa? Como é que funcionava um jornal? Você ficava na redação e recebia um telefonema: “Olha aqui é o fu-

Agradecemos a existência da Internet, em especial ao Google, ao Facebook, à plataforma Lattes (com os currículos) e aos sites de universidades. A partir deles conseguimos os contatos de locais de trabalho e e-mails dos que estavam na lista do entrevistado.

O primeiro entrevistado pela produção foi Sérgio Murilo. O ex-presidente da Fenaj nos empolgou com muitas histórias interessantes sobre Nilson Lage. Murilo ficou bastante lisonjeado por fazer parte da lista do entrevistado.

Sérgio Murilo nos fez prometer que fossem enviados alguns exemplares para a Fenaj assim que a revista ficasse pronta. O jornalista disse que esse número seria essencial para o arquivo da federação pelo que Lage representa para o jornalismo brasileiro.

lano de tal do hospital X. Olha só, anota aí, João Menezes não sei o que, BBC – brasileiro, branco, casado –, 49 anos, endereço tal. Do outro lado – nome das vítimas –, colisão, rua não sei das quantas”. Ele lia o boletim. Uma falta de discernimento tal, ou com discernimento perverso tal que se contava a história, que ficou famosa, de um sujeito que telefonou em 1943 para a redação do jornal *A Noite* (jornal brasileiro fundado em 1911 por Irineu Marinho. Foi extinto em 1957) e disse assim: “É uma coisa importante aqui do Hospital não sei quê... Hospital Souza Aguiar... Um boletim importante. É um acidente”. “Ué, mas o jornal já fechou, é meia noite”. “Não, para que é importante. Quer ver? Eu vou ler tudo aqui: ‘colisão, Rio/Petrópolis, quilômetro 45, automóvel, carro oficial, placa 0007, passageiros: João Manuel, 45 anos, motorista; e Getúlio Dornelles Vargas, presidente da República’”. Você vê por aí como a coisa era feita. “Para tudo” (risos). Era uma coisa muito primária. E aqueles caras todos eram jornalistas também. A gente quem redigia. Eles não conseguiam redigir.

E, por outro lado, a ditadura Vargas criou uma série de vícios. Eu conheci um sujeito que era até um bom repórter, mas ele não conseguia escrever uma pergunta... Ele escrevia “o excelentíssimo chefe de estado”,

“o chefe de governo”... Ele botava as fichas. Ele não conseguia... Era automático para ele. Ele tinha esse negócio de excelência, aquelas coisas e tal.

Cinara – O senhor chegou ao cargo de chefia muito cedo, aos 23 anos de idade. O que o senhor acha que o levou a esse cargo?

Nilson Lage – Exatamente o fato de ter uma habilidade que não era comum. No caso, eu trabalhava no *Diário Carioca* e fui chamado para trabalhar no *Jornal do Brasil* (tradicional jornal brasileiro fundado em 1891. Desde 2010, é publicado apenas na versão online). No *Jornal do Brasil* comecei como redator, mas rapidamente comecei a substituir o chefe... E tinha de guiar setores, e fui fazendo a minha vida. O *Jornal do Brasil* era um jornal grande... O salário subiu. Foi subindo bastante. Posso dizer que, desde aí, eu nunca tive um salário baixo. Eu sempre ganhei razoavelmente bem. Nunca fiquei rico, nunca ganhei muito, mas tenho o mesmo padrão que tenho hoje e sempre tive. Sempre ganhei um salário razoável na profissão. Embora nunca tenha recebido um tostão que não fosse salário. Nunca recebi nada que não fosse salário. Na minha vida, não recebi nada que não fosse salário. Em toda a minha vida... A não ser uma herança de R\$ 80 mil que minha avó deixou que eu recebi há três anos. Ela morreu há quarenta,



Ouvir de professores e grandes jornalistas o papel fundamental da produção intelectual de Nilson nos mostrou ainda mais a qualidade do trabalho dele. O fato de saber que entrevistáramos o autor dos nossos livros de faculdade era empolgante.

mas só há três anos que eu recebi (*risos*). Bom, e eu acho que daí foi natural. Não sei por que razão... Porque eu dominava aquele negócio. Eu fazia direitinho aquilo. Agora, a situação era muito complicada, porque, como eu tinha aquela coisa, como a redação era muito grande, tinha muita gente, e gente muito mais velha do que eu... Na época, dei crescer o bigode pra dizer que era mais velho... Tomei umas medidas, umas providências defensivas (*risos*).

Camila – Professor, quando o senhor saiu da medicina, o senhor ficou atuando no jornalismo. Em 1974, graduou-se em letras russo. Por que não cursou graduação em jornalismo, já que o senhor estava trabalhando há 20 anos na área?

Nilson Lage – Porque, quando eu saí da medicina, havia só um curso de jornalismo, na Federal do Rio de Janeiro (*UFRJ*), que se chamava Universidade do Brasil, na Faculdade de filosofia, ciências e letras. E eu me inscrevi para esse curso. Acontece que o curso era dirigido... Nessa época eu trabalhava na *Última Hora* (*jornal carioca fundado pelo jornalista Samuel Wainer, em 1951. Foi vendido em 1971 para a empresa Folha da Manhã s/a*), que era um jornal vinculado ao presidente João Goulart (*presidente de 1961 a 1964. Foi deposto pelo Golpe Militar de 1964*). O curso era dirigido por um professor fascista que conspirava para o golpe. Eu não consegui a ficha final de segundo grau, porque a secretaria do colégio estava no IPM. Tinha sido aberto um Inquérito Policial Militar (*apuração sumária de um fato que seja tipificado na lei como crime militar*) e a secretaria do colégio não estava funcionando. Eu levei uma declaração do general comandante dizendo que eu tinha feito esse... E levei uma declaração da faculdade de medicina dizendo que eu tinha cursado até a série tal, mas ele não aceitou. Evidentemente porque eu estava na *Última Hora*. Então, acabei não cursando.

Fiz o vestibular para letras, mas também não cursei... Letras não era uma coisa que me estimulasse muito. Uma pena! Eu só fui me preocupar com isso, quando eu comecei a dar aulas, porque aí se criaram as escolas de comunicação e precisavam de gente pra dar aula. Não tinha. Aí pintaram os sociólogos, antropólogos, o diabo a cacete, essa turma da base... Curso básico. Primeiro ano, segundo ano, assumiram o poder, sentaram no poder. Mas, e aí, quem vai dar a área profissional? Quem é profissional? Os alunos começaram a pressionar, pressionar, a fazer barulho. Sabe que aluno tem essa capacidade e faz muito bem. E tiveram de encontrar alguém... Como eu

“A turma se reuniu e, (...) como queriam ir à praia, manteve-se o horário de sete horas e eu não pude fazer a disciplina. (...) Eu aprendi o que é democracia.”

estava claramente dominando a coisa, me chamaram pra dar aula. Mas eu não tinha graduação. Assim mesmo eu dei aula, comecei na Fluminense (*Universidade Federal Fluminense*). Dei aula bastante tempo sem graduação.

Lívia – Professor, na época em que estava trabalhando no jornal *Última Hora*, o senhor trabalhou antes e após o golpe de 1964. Então, o senhor presenciou uma época de turbulência muito grande no País e no jornalismo também.

Nilson Lage – Na minha empresa, sobretudo.

Lívia – Justamente pelo caso de ser o do jornal do Samuel Wainer, não é? O senhor falou em outras entrevistas que viu como o esquema de corrupção foi montado nos jornais na ditadura. O senhor podia falar um pouco das impressões que o senhor teve daquela época?

Nilson Lage – Primeiro eu vou falar da véspera do golpe e do dia do golpe. Na véspera do golpe, nós estávamos no jornal quando houve uma assembleia de sargentos, já na loucura, porque o regime já tinha perdido a cabeça, estavam delirando, né?! No Automóvel Clube do Rio de Janeiro, houve uma assembleia de sargentos e nós ficamos acompanhando aquilo pela televisão. Na porta do jornal, os fuzileiros mandados pelo Almirante Suzano, que era um homem ligado ao Jango (*presidente João Goulart*) e que fazia a guarda do jornal. E de madrugada, eu fui pra casa, três ou quatro horas da manhã. No dia seguinte, quando eu acordei, o golpe já estava na rua. Liguei o rádio, na Rádio Nacional, “esse aqui é o major do Exército, ocupando...”. Só. Fui pro jornal, cheguei lá, entrei, vi alguma coisa, e saí. Começaram a dizer: “Sai, vai, vai, vai que a coisa vai engrossar”. Veio uma caravana de automóveis liderada por um anima-

A produção também contou com a gentileza do professor Nonato Lima e da produtora Lúcia Helena Pierre, da Rádio Universitária da UFC. Com ajuda deles foi possível gravar algumas entrevistas realizadas por telefone com colegas de Nilson.

No Facebook, conseguimos localizar a filha do entrevistado Janaína Lage, que também é jornalista. Enviamos uma mensagem e rapidamente obtivemos resposta. O telefone e e-mail dela que o entrevistado havia nos passado eram antigos e não mais utilizados.

Foi difícil buscar os contatos no Lattes dos colegas do entrevistado. Ligamos para várias universidades, conseguindo telefones até de professores aposentados. A satisfação dos colegas em falar sobre Nilson Lage nos motivava a continuarmos as buscas.

dor de televisão chamado Flávio Cavalcanti. Um sujeito armado de metralhadora, revólver, fuzil, o diabo a quatro, para depredar o jornal. Desembarcaram e incendiaram os veículos do jornal que estavam na garagem em frente. Por sorte, a primeira porta que tinha era uma porta de vidro, eles atiraram na porta de vidro. Acontece que a porta de vidro era uma porta blindada, dessa grossura assim (*mostra o tamanho com as mãos*), e a bala ricocheteou e feriu um deles. Tinha outra porta de vidro fraquinha que dava para oficina por trás. Eles acharam que a porta devia ser blindada também e não atiraram na porta. Subiram para a redação. Quebraram tudo na redação, mas a oficina ficou intacta. Oficina de composição intacta, o jornal tinha de sair. Nós fizemos o jornal e o jornal rodou com oito páginas. O jornal não tinha diretor, porque o Samuel Wainer tinha sumido. A redação resolveu manter o jornal, embora sem diretor. Depois o vice-diretor, que era um basco, também sumiu, perseguiram ele. Nós fizemos o seguinte: "O jornal vai vendendo, tem papel bastante para rodar por alguns meses, e o dinheiro que vai entrando, a gente começa a pagar do menor salário para cima. O maior salário recebe no último dia do mês". E o jornal rodou assim durante muito tempo. E nós pegamos a redação para realmente captar anúncio. Não em torno de comissão não, (*mas*) captar anúncio.

Então, nós procuramos os anunciantes mais progressistas da cidade e começamos a mostrar e tal... Nós publicamos uma série de anúncios interessantíssimos. Sobreviveu assim durante muito tempo. Começou a mandar dinheiro pro Samuel no exterior. Acontece que o Samuel, que era um louco, resolveu se encalacrar. Se apaixonou por uma francesa, entrou num esquema lá maluco, foi financiar um filme, coisa de doido... Com um dinheiro que não tinha. E, quando ele voltou, pegou empréstimo bancário, investiu no jornal, contratou Jânio de Freitas (*jornalista*), cobrou uma fortuna... Montou um esquema caro no jornal, e eu desconfiei que isso não ia dar certo. Pedi para sair. Fui o último sujeito a receber indenização. Eu não tinha Fundo de Garantia (*Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o FGTS*) porque era o sistema antigo. Eu recebia indenização em notas pequenas (*risos*). Dinheiro de jornalista. Recebi aquela indenização e tal. Naquela época, não tinha esse negócio de banco, era pacote... Isso foi em 1967 ou 1968... Eu saí dali e fui trabalhar na *Manchete* (*revista brasileira publicada semanalmente de 1952 a 2000 pela Bloch Editores*).

Muitas das entrevistas foram feitas através do telefone da coordenação do Curso de Comunicação Social da UFC, em que as ligações interurbanas caem quando completam quatro minutos. Contamos com a compreensão dos entrevistados, sempre muito gentis.

“Então, eu abri sindicância, inquérito administrativo, mandei aprovar a moça e armei um barraco. Resultado: um tempo depois eu fui chamado ao Dops.”

Raphaelle – Professor, durante o período da ditadura militar, nós sabemos que o senhor foi interrogado. Por quê?

Nilson Lage – Bom, isso foi o seguinte: havia um professor, na Universidade Federal Fluminense, esse professor era um sujeito gordo, idoso... Idoso, não, um pouco mais velho que eu. Mas o cara parecia velho. Era um sujeito, eu diria, de aspecto sebooso. E acontece que esse senhor começou a dar em cima de uma aluna. Dezesesseis anos etc e tal. Menina nova. Trabalha até hoje na TV Globo (*o entrevistado pediu para não publicarmos os nomes das pessoas envolvidas na história*). E a moça veio e ele reprovou num semestre. No ano seguinte, ele disse: "Se não der, minha filha, não passa. Você não vai sair nunca, eu sou o dono dessa disciplina aqui". Ela não teve outro jeito: me procurou, eu era chefe de departamento, e me contou essa história. Era uma batata quente! Porque, ao mesmo tempo em que ele era professor do departamento, portanto subordinado a mim, ele era diretor do instituto onde estava o departamento. Mas acontece que eu sempre fui um Dom Quixote. E eu tinha uma filha daquela idade. Então, eu simplesmente abri sindicância, inquérito administrativo, mandei aprovar a moça e armei um barraco. Resultado: um tempo depois eu fui chamado ao *Dops* (*Departamento de Ordem Política e Social – órgão do governo brasileiro, utilizado no Estado Novo e no regime militar de 1964 para controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime vigente*) para um interrogatório. Eu não sabia por quê. Inclusive não liguei imediatamente uma coisa à outra. E criou-se uma situação complexa, porque, naquela época, interrogatório no Dops era uma coisa que você podia contar com tudo. Eu tinha colegas que contavam coisas horríveis.

Eu fui lá... Treze horas de interrogatório. Eles me perguntando o que eu estava fazendo em janeiro de 1961. Em janeiro de 1961 foi quando eu saí do *Jornal do Brasil*. Eu saí de lá por causa da greve, porque eu participei da greve... E os jornais tinham resolvido não empregar ninguém que tinha feito aquela greve. Até que o Samuel Wainer resolveu furar e me empregou por intermediação do Paulo Francis (*jornalista, crítico de teatro e escritor, falecido em 1997*), que eu encontrei numa livraria da cidade. Nesse período eu trabalhei num jornal de esportes sem contrato de trabalho. Fiquei dois meses trabalhando lá. Eu não entendia nada de esportes, tinha de decorar as regras e tal de futebol, basquete... E fui ali levando aquele negócio, tentando trabalhar ali. Fiquei dois meses lá, até o Samuel me empregar. Muito bem, era exatamente nesse período que eles queriam saber o que eu estava fazendo dia tal, tal e tal. O único buraco que eu tinha, porque o tempo todo (*antes*) eu tinha contrato, mas eu não tinha contrato de trabalho.

Fui a Brasília e procurei o assessor de imprensa do ministro da Justiça, Armando Falcão (*político brasileiro. Foi Ministro da Justiça durante o governo do presidente Ernesto Geisel*). Com nada a declarar. Procurei o assessor do Armando Falcão, procurei o que tinha em Brasília, me lembro disso. Voltei, e não consegui resolver do que é que estavam me acusando. Bom, eu tinha um amigo que era muito exemplar no Partido Comunista, João Alves. Já morreu. Eu disse: "Que situação que eu estou, sendo interrogado e nem sei por quê. Se me pegarem aí, como é que vai ser? Tenho família... O que eu vou fazer com esse troço? Os caras estão me perguntando uma coisa que eu não sei. Eles vão me matar, porque eu não sei o que dizer. Se eu disser é mentira". Ele disse: "A gente vai resolver isso. Fica calmo, não tem problema não". No próximo interrogatório, eu sentei, um comissário chamado Quintas olhou pra mim e disse: "É, o senhor tá aqui, muito bem. O seu processo tá aberto aqui, eu vou levantar por cinco minutos". Aí ele saiu. Eu li o processo. Era uma carta daquele professor da UFF dizendo que eu era perigoso e subversivo. Numa pesquisa feita em arquivos, encontraram um Telex, uma mensagem de teletipo, dizendo que um cidadão chamado Nilson Lopes Lemos tinha participado da Conferência Tricontinental de Havana (*conferência realizada em janeiro de 1966, em Havana, por proposta de Salvador Allende, deputado do Partido Socialista Chileno*) e que ele era repórter da *Folha de São*

Paulo. Eu nunca trabalhei na *Folha de São Paulo*, nem me chamo Lopes Lemos. Mas o Lemos estava destacado, porque, pela lógica da visão deles, o segundo nome é que é sobrenome. Se eu for pros Estados Unidos não vão me chamar de Lage, vão me chamar de Lemos. Então, com isso, vinha Lemos. Lemos, Nilson. Lemos Lage, Nilson. Eu sou Nilson Lopes Lage. Lá era Nilson Lopes Lemos. Sabendo disso, eu já sabia como me vender. Agora, quem conseguiu isso foi o Partido Comunista. Para você ver como o Brasil é. O Partido Comunista era o maior pistolão da polícia do que qualquer outra coisa. Então, a medida que eu tomei foi muito simples, eu espalhei pela cidade inteira. Só. Ele teve de largar o emprego na Universidade Federal e ir para outro estado.

Raphaelle – Sobre a questão da sua atuação sindical. A gente sabe que o senhor teve uma aproximação muito grande com o Sindicato dos Jornalistas onde o senhor estivesse e em Santa Catarina continuou essa participação...

Nilson Lage – Mais com a Fenaj (*Federação Nacional dos Jornalistas*) do que com o sindicato.

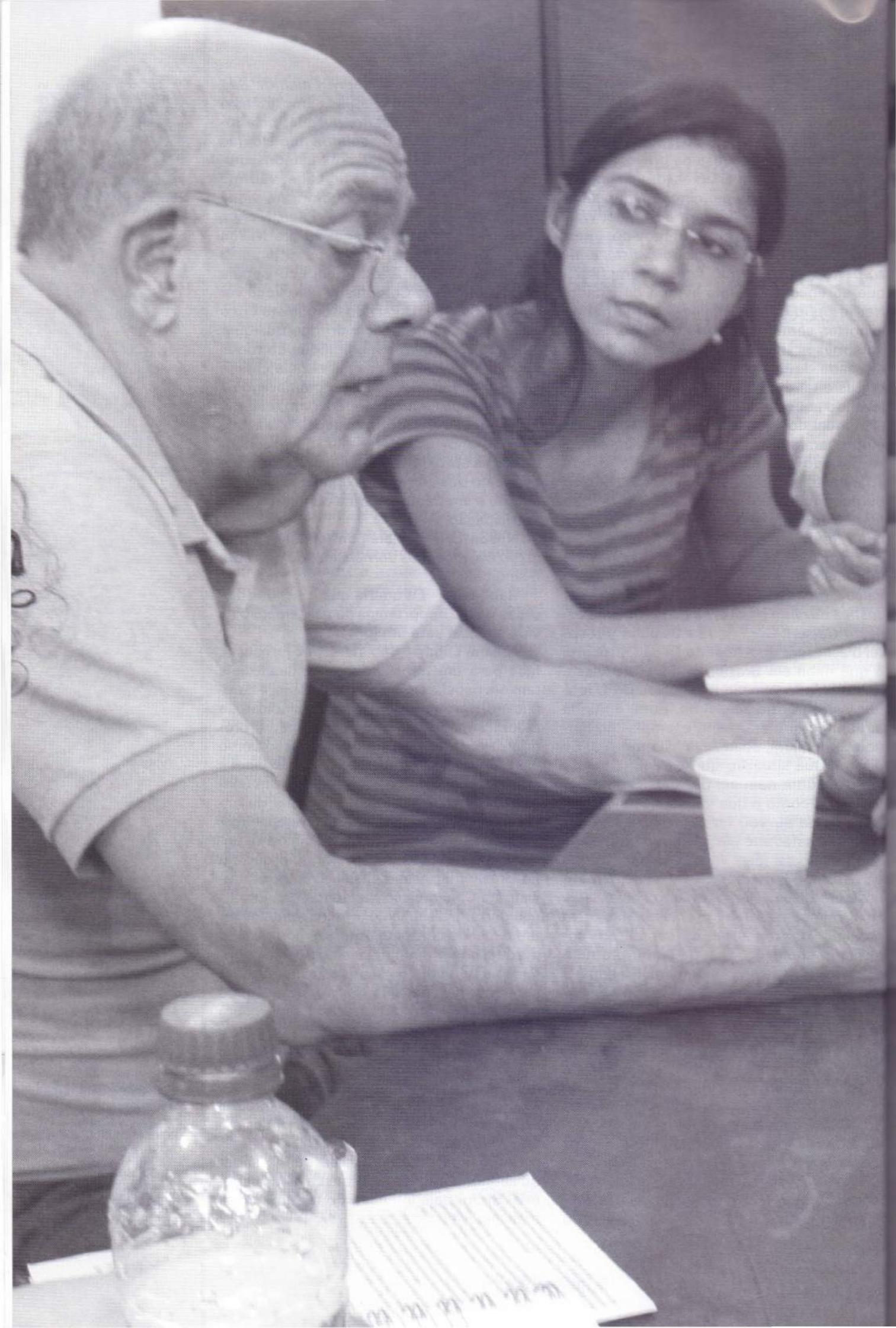
Raphaelle – Eu queria que o senhor dissesse qual a importância da participação na vida sindical para um jornalista.

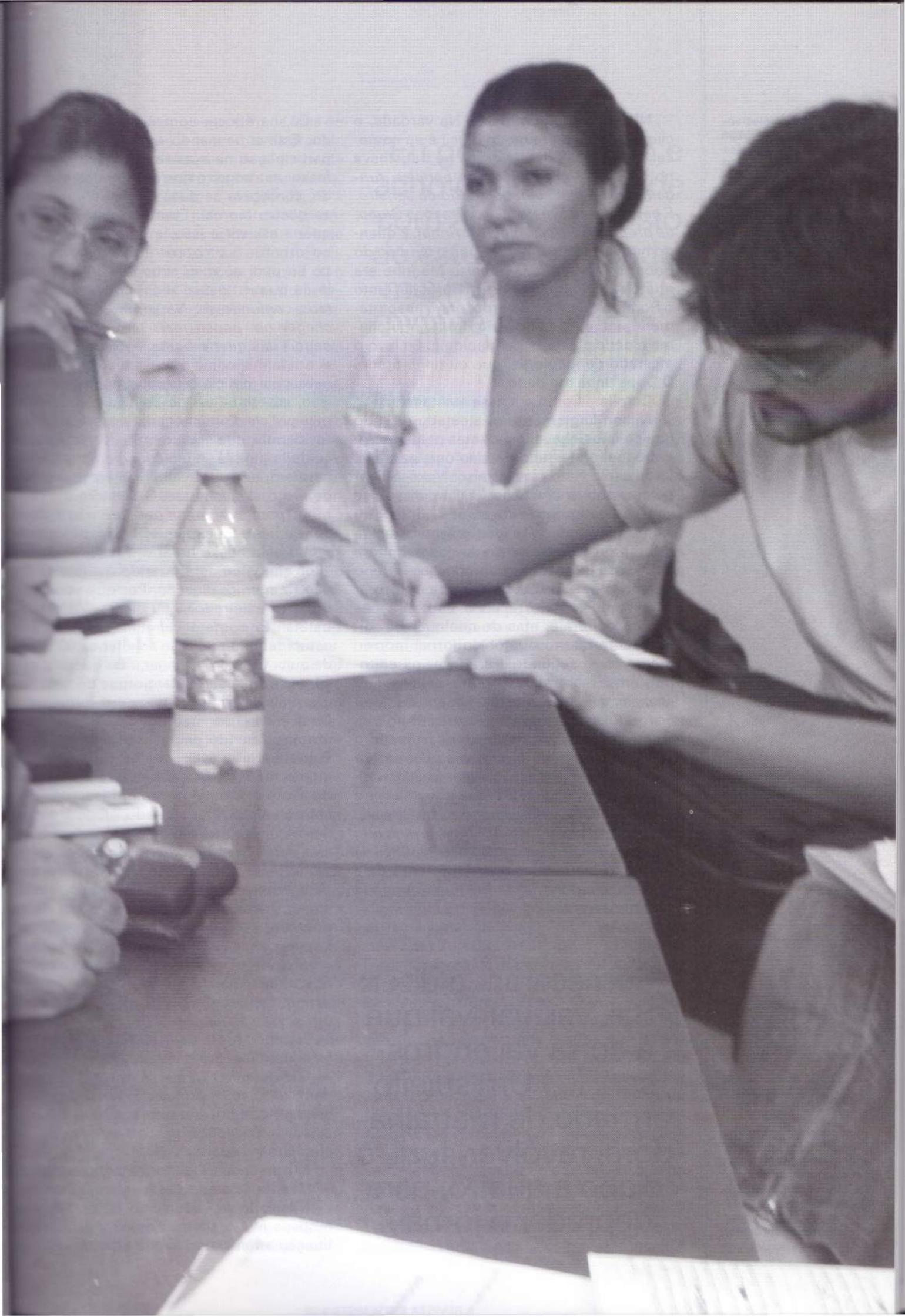
Nilson Lage – Não para um jornalista, mas para um trabalhador, o sindicato, ele tem um papel... No caso do jornalista, é complicado, porque no jornalismo o sindicato, a federação, ocupa um papel que não é próprio dela. O certo, em uma profissão como essa, é você ter um conselho profissional e um sindicato. Quer dizer, você tem um conselho, conselho nacional e regional de engenharia, e os sindicatos dos engenheiros. Você tem o conselho de medicina e o sindicato de médicos. Mas como não deixam no Brasil criar esse conselho, embora previsto na Constituição, os donos dos jornais não deixam, o sindicato termina tendo de ter um papel de conselho. Agora, é complicado porque, como pode um sindicato, cuja obrigação é defender os seus associados, independente da condição deles... Como pode um sindicato ditar ao mesmo tempo quem pode e quem não pode trabalhar, quem é ético e quem não é ético? É muito complicado. Mas ainda assim é a única instância que nós temos para discutir a questão da ética e a questão que se fala da submissão integral ao patrão. Por isso eu acho importantíssimo ter participação na vida sindical.

Raphaelle – Professor, eu queria saber do senhor como foi a sua busca pela academia. Se foi pela intenção de ter uma coisa mais estável.

Ler o material na Internet com as opiniões de Lage nos deu a dimensão do quanto ele tem opiniões fortes, com críticas que incomodam muito nos cursos de Comunicação. As entrevistas com os colegas só confirmaram ainda mais o fato.

A descoberta de que o entrevistado começou a ler aos três anos de idade nos causou admiração. A partir de fatos da infância e adolescência, começamos a entender o surgimento do intelectual que hoje possui ideias fortes e marcantes.





Ler as entrevistas anteriores de Nilson Lage causou muitas discussões entre as produtoras sobre Jornalismo e Comunicação Social. O debate se estendeu aos professores e à sala de aula. Gabriela ficou encantada com a noção dele sobre a profissão.

Nilson Lage – Em parte. Na verdade, o clima da época era muito difícil e eu comecei a ser pressionado porque eu trabalhava no *O Globo* (*jornal diário de notícias, fundado em 1925 e sediado no Rio de Janeiro. É parte integrante das Organizações Globo, de propriedade da família Marinho*). E quando houve essa história do Dops, o irmão do Roberto Marinho... O Roberto Marinho era muito inteligente, mas os irmãos dele, tanto o Rogério quanto o Ricardo, eram absolutamente imbecis. O Rogério um dia me chama e pede atestado de ideologia. Eu levo o atestado de ideologia, que eu tinha tirado. O Dops tinha me dado.

Camila – Como era esse atestado?

Nilson Lage – Era um atestado dizendo que eu não tinha antecedentes políticos. Eu entreguei o atestado de ideologia para ele. Ele disse: “Não, isso é falso. Você é ligado com subversão. O general me disse que você é ligado com subversão”. Então, eu sabia que minha situação era complicada na empresa. Ele era irmão do dono. Embora eu tivesse ido para o grupo porque o dono me chamou. Me chamou para reformar o texto do jornal e aceitou as condições que eu dei a ele, mas de qualquer maneira... Tanto que, o diretor do jornal morreu e eu seria o segundo, para fazer os editoriais, mas contrataram outra pessoa, um profissional excelente o... (*o entrevistado fica pensativo tentando recordar o nome*). Que foi diretor da Rede Globo... Evandro Carlos de Andrade (*o entrevistado lembra com ajuda do professor Ronaldo Salgado*). Falaram com o Evandro, que trabalhava no (*jornal*) *O Estado de São Paulo*, em Brasília. O Evandro era um profissional excelente, mas eu senti que o negócio estava difícil. O Evandro era um brilhante profissional, uma excelente pessoa, mas era um camarada com certos complexos.

“Começaram a dizer: ‘Sai, vai, vai, vai que a coisa vai engrossar’. (...) Um sujeito armado de metralhadora, revólver, fuzil, o diabo a quatro, para depredar o jornal.”

Logo que o entrevistado chegou a Fortaleza, Camila e Gabriela trataram de ir buscá-lo no aeroporto. No caminho para o hotel, foram muitas as histórias que Nilson contou. Quase deu uma prévia da entrevista.

Eu, na época, comecei a fazer mestrado. Estava pensando em crescer a minha participação na academia. E veio um professor estrangeiro que dava um curso à tarde, começava às duas (*horas*) e terminava às quatro (*horas*). Éramos três alunos. Eu queria assistir a isso, e eu tinha de entrar no jornal às quatro, que era reunião de pauta. Eu pedi ao meu subeditor para chegar lá às quatro (*nesse momento, o entrevistado confunde-se. Na verdade, ele queria chegar um pouco mais tarde na reunião, depois das quatro horas, e perder o início*), acompanhar o início da reunião, que começava pela polícia. Eu não tinha nada com isso, eu era editor de política e começava pela polícia. E eu chegaria cinco, dez minutos depois, que era o tempo de saída da faculdade para lá. A faculdade era no Centro também, tem o trânsito, mas era uma coisa de cinco, dez minutos. O Evandro me chamou (*para perguntar por que não estava na reunião*). Eu expliquei: “Não, porque eu tenho aula nesse horário e tal”. Ele disse: “Por que você está fazendo mestrado? Eu não fiz nem graduação. Por que você tem de fazer mestrado?”. Eu disse: “Vá plantar batata”. Eu aumentei a minha carga horária estupidamente para se sujeitar às 60 horas de aula. Escola particular... Eu queria a opção de escola particular porque do trabalho era mais próximo. E peguei o jornal para fazer pauta de madrugada. Ainda fiquei um ano fazendo pauta. E pronto, saí fora. E enquanto eu estive no Rio de Janeiro foi interessante porque eu sempre estive ligado a jornal. Montei uma empresa, trabalhei com isso. Eu fiz mestrado, depois trabalhei algum tempo em uma empresa que eu criei com um sócio, fazendo jornais. Depois em jornais, revistas setoriais. Trabalhamos para empresas grandes, Petrobrás etc. E em um determinado período, eu fui fazer doutorado e suspendi as atividades. Voltei depois com a empresa, já nessa altura bem menos. O meu sócio era extraordinário, uma maravilha de pessoa humana, muito amigo. O judeu Daniel Welman. O Daniel é um sujeito fantástico. Agora ele não sabe fazer negócio. Ele é um judeu que não sabe fazer negócio. Era muito engraçado!

Gabriela – O Daniel, assim como o senhor, também é professor da academia. E ele nos contou, durante a produção, que existia um distanciamento de vocês com os clubinhos acadêmicos.

Nilson Lage – Eu não gosto da academia.

Camila – De onde vem esse sentimento?

Nilson Lage – Bom, eu não gosto por motivos muito claros. Primeiro, é uma instituição anômala no seguinte sentido. Você

tem dois segmentos: o segmento da área de exatas e biológicas e o segmento da área de humanas. São duas coisas completamente diferentes. No segmento da área de exatas, você tem alguns sujeitos vaidosos, mas a média dos cientistas, pelo menos dos sérios, é de gente muito simples. No meio de humanas é todo mundo com o nariz empinado. Eu tenho uma irritação enorme com essa arrogância! E se o cara tivesse uma pilha de conhecimentos maravilhosos, eu ainda aceitaria. São pessoas que não têm esse brilho, mas têm toda uma empáfia. E aquela empáfia é exatamente para esconder a falta de brilho. Como ele não tem segurança, aquilo é uma couraça que o defende.

Nesse contexto, o método de avaliação da academia é também uma loucura que mede pela quantidade de artigos. Então, o que acontece? Você pega o seu orientando e faz o seu orientando fazer uma porção de artigos. Artigos abobrinhas. O que é semi-abobrinha você manda para a revista internacional, arruma um jeito, participa de um congresso não sei da onde, fala com o professor fulano que é o teu amigo. "Oh, fulano, dá um jeito de sair em uma revistinha ali". Porque aquilo conta ponto na Capes (*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – agência de fomento à pesquisa brasileira que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todo o País*). Quando você consegue a aprovação de uma revista estrangeira você pensa: "Que ótimo, eles vão publicar". Não. Você tem de pagar para publicar e eles vendem a publicação. É o melhor negócio do mundo. Para mim, é um insulto pagar para publicar alguma coisa que fiz na minha vida inteira, o que eu escrevi. Na área de Jornalismo eu, durante anos, assinei uma revista que é uma resenha das publicações sobre comunicação, em jornalismo, sobre jornalismo. Durante anos eu li aquilo. Nunca li nada que me interessasse muito. (*Neste momento da entrevista, Nilson dá vários exemplos de temas abordados na área das Ciências Humanas, criticando alguns conceitos e postura dos estudiosos*).

Carol – Professor, o senhor disse que não gosta da academia. E o que motivou a permanecer nela por tantos anos? Foi a estabilidade?

Nilson Lage – Estabilidade... Eu gosto de aluno e acho que se aprende com aluno. Eu gosto de estudar e a academia me deu oportunidade de estudar. Agora, o que eu fiz: eu nunca disputei Capes, nem CNPq (*Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico é um órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia para*

“Eu gosto de aluno e acho que se aprende com aluno. Eu gosto de estudar e a academia me deu oportunidade de estudar.”

incentivo à pesquisa no Brasil fundado em 1951), nem coisa nenhuma. Eu me limitei a ganhar meu salário. Não gosto desse tipo de disputa. Todos os cargos que eu tive na academia foram feitos por concurso. Não me enturmo, não consigo me enturmar. É difícil para mim me enturmar. Na área de Comunicação, então, é muito difícil. Talvez em outra área eu conseguisse mais. Mas na área de Comunicação... Eu acho que a profissão não tem nada que ver com isso. Eu acho que todos os fundamentos que são dados nas escolas de Comunicação são no mínimo duvidosos com relação ao ofício. Eu acredito que um fundamento mais carregado em Filosofia, talvez uma coisa voltada para história contemporânea fosse bem mais útil. Eu acho que a Escola de Frankfurt (*escola de teoria social interdisciplinar neo-marxista. Normalmente é estudada nos cursos de Comunicação Social a partir das ideias dos frankfurtianos, que criaram o conceito de Indústria Cultural*) é uma escola reacionária, porque é uma escola elitista. É uma escola que substitui a noção de capitalismo pela noção de sociedade industrial que servia muito aos Estados Unidos quando promoveram a difusão dessa escola, na década de 1960. Eu acho que o texto do Benjamin (*Walter Benjamin – ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, é comumente estudado nos cursos de Comunicação Social, falecido em 1940*) sobre arte é um texto reacionário porque ele nega... Ele admite uma aura na obra (*de arte*) e uma aura é uma coisa inaceitável do ponto de vista materialista. E, além do mais, a análise que ele faz de cinema é ridícula, se baseia no princípio da época. Na época, o cinema se baseava no ator. Era o ator ou era o filme do ator ou o filme da Paramount... O diretor não era citado. Então o que ele faz? O Chaplin (*Charlie Chaplin foi um ator, diretor, produtor, comediante, dançarino, roteirista*

Com o evento do PETCom, Camila ficou responsável em buscar Nilson no hotel e levá-lo para UFC. Durante três dias, ela se dividiu entre as tarefas da Semana do Jornalismo e da Revista Entrevista. Foi corrido, mas valeu muito a pena.

Antes da entrevista, Nilson retirou uma máquina fotográfica digital do bolso e começou a bater fotos de todos que estavam na sala. O nervosismo da turma diminuiu com o momento de descontração.

Minutos antes de chegar à UFC com Nilson para a entrevista, Camila descobriu, durante conversa, que ele é cego do olho direito. O fato prejudicou parte dos entrevistadores, que não entenderam o motivo de ele não ter dado atenção a algumas perguntas.

e músico britânico. Chaplin atuou, dirigiu, escreveu, produziu e financiou seus próprios filmes) é um artista porque ele é ator. Ele é, porque ele é diretor e ator, por isso ele é o criador. Os outros não. É um discurso datado e muito conservador com relação à visão que eu tenho. Porque ele não aceita a produção coletiva. O fato de que um grupo de pessoas organizado produz uma obra de arte. Isso ele não pode aceitar. E ao não aceitar isso ele recusou toda a nossa profissão, que nós somos um grupo de pessoas que produzimos um trabalho coletivamente e podemos produzir até uma obra de arte coletivamente. É um princípio para mim fundamental.

Lívia – Professor, a sua vivência na academia mudou a sua concepção da prática jornalística?

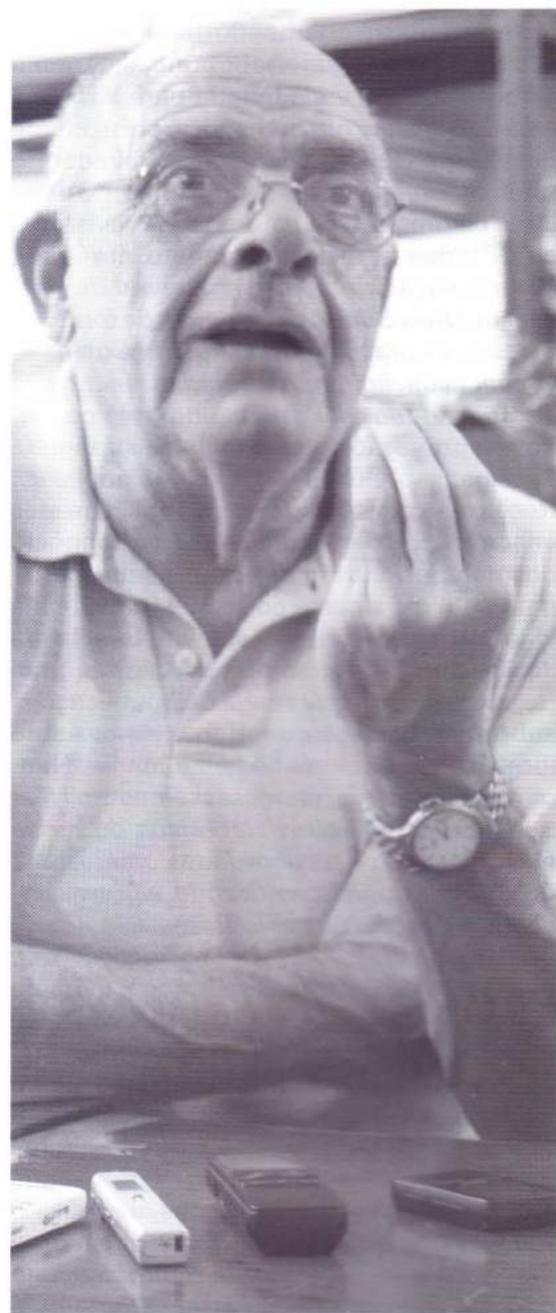
Nilson Lage – Não mudou. A prática jornalística é que mudou. E as condições de realização da profissão mudaram muito e estão mudando. Eu agora estou imaginando que talvez elas mudem para melhor.

Lívia – Falando justamente dessa questão, o Ministério da Educação dividiu há pouco tempo os curso de Comunicação. Durante muito tempo na sua vida, o senhor apontou muitas falhas nos cursos de Comunicação. O senhor acha que agora está na direção certa?

Nilson Lage – O problema é que o erro continua na academia. A academia tem uma série de problemas. Para você entrar na academia, ou chegar a certo nível na academia, você precisa de um tal do doutorado. O doutorado é um curso que reproduz ideologias. Esses cursos todos de Teoria da Comunicação são o mesmo de 1960. Não mudou uma palavra. Continua voltando ao Althusser (*Louis Althusser foi um filósofo francês cujas posições foram muito influentes na filosofia marxista. Filiado ao Partido Comunista Francês, é considerado um dos principais nomes do estruturalismo dos anos 1960*), de 1970. A leitura errada da obra do Althusser... Althusser, quando publicou sobre o aparelho ideológico e sobre comunicação de massa, aponta Comunicação como o principal aparelho ideológico. Na verdade, isso foi uma versão reescrita por ele, por pressão do Partido Comunista. No original, ele dizia que o principal aparelho ideológico era a Justiça e o segundo a Educação. E o Partido Comunista não queria questões com a Justiça francesa. A versão corrigida eu li em uma publicação de 1900 e qualquer coisa. Uma republicação que mostrava exatamente isso. Pelo menos um arquivo dizia isso. Mas eles continuam com a mesma história (*os cursos de Teoria*

Com o problema de visão, Nilson não percebeu os momentos em que Liana tentava chamar atenção para fazer perguntas. Até que Camila passou um papelzinho para Amanda, Cinara e Liana avisando o motivo de ele não notá-las.

“Quando você vê um ex-aluno seu brilhando (...), é como se você estivesse brilhando. Nesse contato eu consegui avançar muito (...). Eu me tornei uma pessoa melhor.”



da Comunicação). Eles não estudam.

O que fazer? (*batendo na mesa*) Os caras vêm para estudar e não estudam. Fica repetindo aquilo. E outra coisa, a valorização é dada por esse tipo de formação. Eu fiz um concurso para titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e foi uma coisa que me deixou muito magoado. Participaram dois candidatos para professor titular. Um era um repórter conhecido, que fez doutorado, estudou, mas não tinha um passado acadêmico. O passado dele era profissional. E uma senhora (*que também participou do concurso*) que tinha um passado acadêmico. Acontece que a mulher tinha uma vida acadêmica grande. E ao ver o edital, quando havia (*exigências de*) experiência profissional, eu digo: "Agora ele vai entrar". (*No edital havia*) experiência profissional: quantos orientou, quantas turmas deu aula. Quer dizer, (*contava a*) experiência de sala do professor. O que o sujeito fez na vida não importa. É um curso profissional em que o critério é o sujeito não ser profissional. A profissão do cara não vale. É como se eu fizesse um curso de medicina e quisesse perguntar para o cara pelo número de aulas que ele deu. Jornalismo não é uma ciência, Jornalismo é uma prática social. Existe muito antes de existir a academia. É como Medicina, como Direito, como Engenharia. Muito antes de existir a primeira universidade já existia isso. Alguém já tratava de alguém, alguém já resolvia conflitos, alguém já construiu alguma coisa antes de existir a Engenharia. As pirâmides foram construídas antes de existir a faculdade de engenharia. O Jornalismo é uma coisa igual, é uma prática social. Meu Deus, isso é tão óbvio (*fala exaltado*)!

George – O senhor acha que a faculdade deveria profissionalizar o estudante?

Nilson Lage – Eu acho que sim. Primeiro, eu acho que técnica é importante, é essencial, para a formação das pessoas. Porque é a técnica que vai tornar você jornalista. Ou você domina a técnica e é jornalista, ou você não domina a técnica e não é jornalista, mas outra coisa. O cientista é uma pessoa brilhante, mas não é jornalista. Por outro lado, eu acho que é preciso uma formação básica. Essa formação deve ser uma formação que conscientize o sujeito de problemas políticos, sociais, econômicos... Agora, é uma formação que pode ter vários tipos de abordagem, pode vir de várias proveniências. Deve ser com uma linha o menos definida possível. Quer dizer, o mais aberta ao raciocínio, menos doutrinária o possível.

Liana – Durante a academia o senhor

deu alguns exemplos de insatisfação que teve com colegas de trabalho. Mas teve muito contato com jovem. Na pré-entrevista, o senhor afirmou que só aprende com gente nova. Com pessoa mais velha tem dificuldade...

Nilson Lage – É difícil aprender. É difícil.

Liana – Por quê?

Nilson Lage – Pelo seguinte. Primeiro, o jovem é mais limpo. O camarada vem menos armado. Ele vem menos preparado para atirar. Segunda coisa, o jovem é inquiridor. E, quando o sujeito inquire, você é obrigado a pensar. E a gente pensar é uma coisa que dá trabalho. Você, para pensar, tem de ser forçado, tem de ser motivado a pensar. Senão você vai pensar na namorada, que é mais fácil. Isso aí é uma coisa estimulante (*ser incitado a pensar*). Terceiro, porque quando você vê um ex-aluno seu brilhando em alguma coisa é como se você estivesse brilhando. Te dá uma satisfação gigantesca você ver o camarada construindo a vida dele com seu próprio saber e com o pouquinho do que você ajudou ele a fazer. Isso ajuda. É uma coisa que gratifica. Nesse contato eu consegui avançar muito em termos de conhecimento. Não só conhecimento das coisas, mas um outro conhecimento. Eu me tornei uma pessoa melhor. Porque eu consegui ter mais, dar mais, me dar mais, me empenhar mais. Sobretudo no serviço público que, se você se empenhar, tudo bem, e se não se empenhar é a mesma coisa. E se você quer se empenhar, você tem de ter motivação. Eu consegui me empenhar e isso é uma gratificação cavalgar que a universidade me deu, que a experiência universitária me deu.

Camila – Em relação ao seu período na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), qual o motivo da aposentadoria após 14 anos de casa? Como foi a saída do senhor de lá?

Nilson Lage – Bom, é um processo, mas o episódio final foi este: um dia, uma moça que havia sido minha aluna e era repórter da (*revista*) *Veja* me procurou na universidade. (*O entrevistado pediu para não publicarmos os nomes das pessoas da história. No caso, a ex-aluna vai até ele e pergunta se ele conhece uma professora do curso*). "Não, não conheço," (*respondeu o entrevistado à ex-aluna*). "É porque eu já procurei lá no quadro de horários e ela não está". "Você faz o seguinte, vai no quadro da pós-graduação e vê. Pode ser que ela dê aula na pós-graduação". Ela foi lá... "Tem uma (*professora*) lá dando aula com mais cinco numa disciplina". Eu falei: "Pede na secretaria o endereço dela". Ela foi lá na secretaria e deram o endereço

Durante a entrevista, Nilson respondeu com bastante atenção às perguntas, olhando dentro dos olhos dos entrevistadores. Porém, passou a maior parte do tempo voltado aos alunos do lado esquerdo dele.

O entrevistado em quase nenhum momento proporcionou períodos em silêncio, sempre com uma história para contar. Ao falar sobre o pai, isso foi diferente: pela primeira vez vimos Nilson emocionado e pausando em um momento de reflexão.

Ao falar sobre jornalismo, a empolgação era visível. A voz mudava e as batidas na mesa eram constantes. A revolta com as injustiças durante a vida profissional como jornalista e como professor de universidade também promoveram exaltações.

a ela. O endereço era de consultório, que (a professora) era psicanalista. Ela foi e entrevistou a (professora) e a (professora) disse a ela, gravado: "Eu dou aula com mais cinco em uma disciplina lá na Escola de Comunicação". "Mas a senhora não tem um contrato de 40 horas de dedicação exclusiva?", (perguntou a ex-aluna). "Sim, mas no resto do tempo eu estou lá fazendo uma revista que não vai sair mesmo". A moça chegou para mim: "Eu não quero afetar a instituição, eu estudei aqui (na UFRJ), mas eu também não posso mentir. O que o senhor acha que eu devo fazer?". Eu digo: "Repete exatamente as palavras dela, exatamente com as palavras dela, exatamente o que ela disse". Eu não ia dizer para a mulher mentir, eu não ia fazer um negócio desses. E ela fez isso. A *Veja* deu lá a matéria. Eram dois professores: ela e um cara de Pernambuco, um professor de Direito que também não ia lá. Tem vários que eu conheço que nunca foram. Se aposentaram sem nunca ter dado aula. Então, isso acontece... Um dia eles (os professores do curso) convocam a reunião da congregação. Chega lá: "Vamos fazer um abaixo-assinado contra a *Veja*. Vamos abrir um processo, falar com advogado". E começaram, os professores, a se manifestar. Em seguida vem uma senhora (uma outra professora que o entrevistado pede que o nome não seja citado) e diz assim: "É, repórter é assim mesmo. Jornalista é assim mesmo, um bando de mentirosos,

safados". Aí eu perdi a cabeça: "Mentirosa é a senhora que usa o nome de um camarada (teórico) que a senhora corneou". E fui *simbora* (o entrevistado se exalta e bate na mesa). "E fez a carreira na horizontal" (se referindo à professora). E mandei brasa... Passei na doutora Vânia (coordenadora do curso). "Doutora Vânia, prepara os papéis da minha aposentadoria". Eu tinha tempo para me aposentar. Eu tinha 37 anos de serviço.

Gabriela – Professor, quanto à publicação de seus livros, o que impulsionou?

Nilson Lage – Bom, o primeiro livro (*Ideologia e Técnicas da Notícia*) foi minha dissertação de mestrado que um aluno apanhou e publicou. Veio com a prova e o contrato. Depois, em 1985, a (editora) Ática me pediu para escrever um livro sobre estrutura de notícia. Eu disse: "Para escrever isso, pelo o que ele queria, tem de escrever dois, um de estrutura (*Estrutura da Notícia*) e outro de linguagem (*Linguagem Jornalística*). Não dá para fazer em um só". Escrevi esses dois livros. Saíram em 1985 e 1986, e até hoje são vendidos porque eu acredito que não exista concorrência. Ninguém escreveu sobre o assunto. Então, eles estão sendo reimpressos desde então. Há dois anos eu atualizei o *Linguagem Jornalística* que estava defasado em função das mudanças tecnológicas e tal. Fiz uma atualização e modificação nele. Atualizei e mudei a composição, a distribuição da informação. Bom, mais tarde eu es-

Algumas das histórias contadas durante a entrevista já eram conhecidas pela Camila, por conta da convivência proporcionada pela Semana de Jornalismo. Outras havíamos descoberto durante a produção, mas sem tantos detalhes.



crevi um livro (*Controle da Opinião Pública: um ensaio sobre a verdade conveniente*). Foi um trabalho longo, demorado. Começou em uma pesquisa em que eu e o professor Hélio Tabosa fizemos, pesquisa acadêmica, sobre as razões do processo de crítica de economia, que estourou agora. A partir dessa pesquisa eu iniciei um trabalho extenso, sobre controle de opinião pública. Mecanismo de controle de opinião pública.

Liana – Foi o livro que o senhor mais gostou, né?

Nilson Lage – É o melhor livro. Só que não editou. Rodou pela metade e parou. Porque o livro foi editado pela (*editora*) Vozes (*fundada em 1901 por frades franciscanos, até hoje é conhecida por publicações de cunho religioso*) e parece que os padres não gostaram. Não teve uma segunda edição. Mas o livro era... É o livro que me deu mais trabalho. E a conclusão dele é uma conclusão que, olhada da minha perspectiva, é verdadeira. Eu acho que o resultado daquele processo, que a primeira vítima daquele processo (*do controle de opinião pública*) era a democracia. Por uma série de razões. Primeira razão: quando você acha que se impõe à maioria ações supostamente de interesse da minoria, a democracia foi embora. Porque a democracia é um dos princípios ideais da maioria. Cabe à minoria convencer a maioria, e não impor. Toda imposição é uma imposição de qualquer jeito, é a primeira coisa. Segunda coisa, democracia pressupõe, em tese, o atendimento aos desejos da população. O modelo grego já é um modelo mal usado. Porque, na verdade, o apogeu de Atenas aconteceu sobre a ditadura de Péricles (*célebre e influente estadista, orador e general da Grécia Antiga, um dos principais líderes democráticos de Atenas e a maior personalidade política do século V a.C.*). Não foi a democracia que aconteceu depois. Pelo contrário, não aconteceria nunca porque a essa altura a população já tinha a liberação prévia e não havia como fazer a democracia direta. E o problema da democracia, como é que ele é tecido? Você ter uma democracia em que a eleição depende da quantidade de dinheiro que o cara tem, não é democracia de maneira nenhuma. É o modelo americano. Da mesma forma, uma democracia baseada em estruturas de poder pré-existentes, oligárquicas, também não é democracia. A democracia é uma ideia em tese perfeita, agora a realização dela é muito problemática. Não há democracia perfeita. A democracia depende de uma crítica permanente, de uma análise. E da liberdade de fazer uma crítica, com a melhor abertura possível,

“Em seguida vem uma senhora e diz assim: ‘É, repórter é assim mesmo. Jornalista é assim mesmo, um bando de mentirosos, safados’. Aí eu perdi a cabeça.”

coisa que não existe. Então, a maior vítima desse troço (*dos mecanismos do controle de opinião*) é a democracia.

Livia – O senhor disse que publicou esses livros por acaso. Isso mudou muito a sua vida? Hoje o senhor é referência, né? Em todas as escolas...

Nilson Lage – Nessas escolas de graduação são praticamente esses livros pequenos que são livros de contato para graduação, no sentido didático, que não têm concorrência. Ninguém pretendeu fazer a mesma coisa. Até porque eu tenho uma formação em Letras, voltada para o texto. Eu fiz um trabalho que não se produziu. E com uma característica de que ele não é copiável. Os conceitos que estão ali não existem, só existem ali. Nos Estados Unidos não existe. Você não vai encontrar em nenhum país do mundo. O conceito, a noção de mídia como consequência, como reprodução e como formalização da maneira de como se fala é um conceito que eu falo. Você começa pelo mais importante, porque quando você conversa, você começa pelo mais importante, que é o que desperta interesse, se não você se torna um chato. Para você não se tornar um chato, então... Quando você transforma e formaliza, você faz o *lead*. Essa ideia não aparece. O que aparece na escala internacional é a história do telegrama, que você mandava primeiro o que não podia ser cortado. Eu estou agora fazendo um outro negócio (*está preparando uma nova publicação*). Um outro texto, um outro livro, com calma. Basicamente com uma intenção didática.

Cinara – A questão dos seus livros serem referência no Brasil todo. Eu queria saber qual a sensação que é isso.

Nilson Lage – Olha, minha filha, sabe

Após a entrevista, todos foram bater fotos com o entrevistado no pátio do curso de Comunicação Social. Após as fotografias, alguns alunos trataram de ficar um pouco mais para trocar ideias com Nilson.

A caminho do pátio, o professor Agostinho Gósson foi parado nos corredores do curso pelos alunos. Fazíamos questão de apresentá-lo a Nilson. Porém, os dois já se conheciam de um evento da Fenaj.

O momento de transcrição da entrevista foi um pouco difícil. Devido à fala rápida do entrevistado e às constantes mexidas no gravador, tivemos de escutar o áudio várias vezes. Foram muitos os desafios durante o trabalho.

que eu não consigo me achar referência de nada. Eu não sei. Eu atribuo isso à deficiência da área. Eu só fiz o meu trabalho...

Camila – Qual o *feedback* que o senhor recebe dos alunos, professores, leitores?

Nilson Lage – Olha, *feedback* de livro é uma coisa. *Feedback* de livro, de trabalho grande, é muito complicado. O primeiro livro que eu escrevi, de teoria e técnica da notícia, eu escrevi e ele vendeu. Vendeu a primeira edição. Fizeram uma segunda edição e ele vendeu, mas eu achei que não tinha escrito nada demais. Eu só comecei a achar que o livro tinha alguma coisa interessante quando eu comecei a tomar conhecimento de uma porção de trabalhos de mestrado e doutorado em São Paulo esculhambando o livro. Bom, se estão esculhambando, deve ser interessante o livro. Estão esculhambando em um trabalho, fazendo tese para esculhambando o livro. Foi a primeira noção... O primeiro *feedback* foi esse. E depois, o *feedback* que eu recebo são vendas. E, de vez em quando, um convite que eu recebo assim (*o entrevistado veio à Fortaleza a convite do Programa de Educação Tutorial do curso de Comunicação Social da UFC para realizar palestra na II Semana de Jornalismo*). Quer dizer, estou com 70 e tantos anos, afastado da minha universidade há tanto tempo. De repente, recebo um convite para viajar para o outro lado do País para fazer uma palestra. É um negócio que gratifica a gente e eu faço com maior prazer.

Raphaelle – Sobre a questão da aposentadoria, que o senhor está afastado da Universidade de Santa Catarina já há algum tempo. Como é que foi esse processo de aposentadoria da universidade?

Nilson Lage – Olha, eu senti muito, fiquei deprimido. Tive tratamento médico por causa disso. Não só por isso, mas pe-

“É preciso cultivar a sensibilidade. Se você não tempera a informação com a sensibilidade (...) seu estilo se prejudica, seu discurso torna-se duro.”

Para decifrar algumas palavras ininteligíveis na transcrição, contamos com a ajuda do professor Ronaldo Salgado e seu ouvido apurado, conquistado após anos de trabalho jornalístico. Nenhum vocábulo passou em branco.

sou profundamente. Eu gostava do que fazia. Estava muito satisfeito fazendo. Acho um absurdo que um idiota tenha posto na Constituição uma besteira tal como aposentar todas as pessoas aos 70 anos... Porque eu não conheço nenhum estivador que chegue até os 70 anos trabalhando, nenhum jogador de futebol. E, no entanto, não acho que um professor tenha de se aposentar porque tem 70 anos. Se ele não está matusquela, se ele não está falando besteira, falando bobagem. Seria muito melhor se eu ficasse lá sentado, dando palpite de vez em quando. Eu acho que seria mais interessante do que me mandar ir para casa e continuar pagando o meu salário. Eu sou tão ruim que tem de me mandar para casa para não chatear, não atrapalhar. Isso me magoou profundamente. Está na Constituição. Não foi feito para mim, foi feito para todo mundo, mas que é uma coisa que incomoda é. Você está no pleno embalo. Eu estava começando a trabalhar com o pessoal, estava todo animado. De repente, eu tenho de parar. E voltar a trabalhar de graça, por trabalho voluntário, realmente é uma coisa que me ofende. Primeiro, porque eu não quero tomar o emprego de ninguém. Eu tenho um passado sindical. Não quero estar ocupando uma função que seria ocupada, de qualquer maneira, por alguém. Por alguém que ganha dinheiro com isso. Em segundo lugar, porque é sempre um trabalho de segunda categoria, um trabalho voluntário é de segunda categoria.

Carol – Professor, quais as atividades desenvolvidas pelo senhor para superar esse momento difícil?

Nilson Lage – Bom, eu primeiro tratei, né? Tratamento caro, chato, horrível, mas tratei. Segundo, procurei me recompor de qualquer uma maneira. É uma coisa demorada. Agora é que eu estou saindo desse processo. Estou tentando escrever um trabalho, que eu estava dizendo, um livro. São dois conceitos (*no livro*). Um de Letras mesmo. É um estudo sobre lógica da linguagem. Eu pego os modelos básicos da matemática, teoria dos conjuntos, e vou mostrando aquilo na língua, como funciona. Uma série de conceitos assim. E o outro é sobre semântica, centrado nos conceitos que são usados para controle de opinião. Por exemplo: verdade. O que é verdade? Um conceito de verdade: verdade é a adequação do enunciado a uma coisa. Primeiro que, nessa adequação com a coisa, a coisa é relativa. Por exemplo: a Terra gira em torno do Sol. Mas é verdade que o Sol nasce ali (*apontando para o leste*) e se põe aqui (*apontando para o oeste*). As duas coisas

são verdadeiras e são estruturas diferentes. Embora contraditórias, elas são verdadeiras. Tem esse aspecto. Outro aspecto é a verdade como... É que você tanto tem a verdade como adequação da coisa, do enunciado da coisa, como tem o contrário. Se o homem pode transformar o mundo, ele pode criar uma verdade (*risos*). Então, a verdade é a resposta do enunciado e não o enunciado é a resposta da verdade. Adequar-se *res ad intellectus*, ou seja, adequação da coisa ao enunciado. Isso é uma adequação. A verdade como uma adequação.

Amanda – Sobre os planos profissionais. O senhor falou sobre o livro que está escrevendo. Na pré-entrevista, o senhor falou que tem um projeto de um site. No que consiste esse projeto?

Nilson Lage – Olha, esse site é uma história. Eu gostaria de fazer um site com três pastas, na verdade. Em uma (*posta*), um blog comum, para fazer comentário. Esses comentários que eu estou fazendo aqui. O outro com a produção. Eu queria pegar tudo o que eu já escrevi e publicar. Tudo o que não está circulando, que não tem editora, eu colocaria. Eu tenho um número enorme de artigos, 12 livros sobre história do Brasil, uma porção de coisas. Tem uma porção de textos em PowerPoint de palestras que eu fiz e eu queria botar isso na Internet. Seria uma segunda página. Isso tem certo custo porque tem muito texto que tem que fazer OCR (*Optical Character Recognition* – *mecanismo utilizado na digitalização de textos*), tem texto que tem de digitar. E eu gostaria de dar um acabamento de *e-book*. É uma terceira página que seria mais biográfica, com coisas mais familiares e pessoais. E talvez contar histórias cotidianas. Historinhas como essas que eu contei algumas aqui. O velho jornalista gosta sempre de contar historinha. Mas as historinhas que eu conto são historinhas que têm algum conteúdo, que trazem alguma lição. Eu guardei exatamente porque trouxeram algum aprendizado. De qualquer maneira, eu gostaria de fazer isso, mas tenho encontrado muita dificuldade. Qual a dificuldade? Primeiro, eu preciso que isso seja planejado, e bem planejado. Que seja bem feito. E parece que é uma área que tem picareta que não acaba mais essa de planejamento dessas coisas. É difícil encontrar quem faça. Segundo, o problema de financiamento. Eu precisava fazer, lançar e depois procurar. E talvez eu encontrasse. São 50 anos executando o trabalho, então é um tempo bom para se contar, para se mostrar coisas. E há algumas coisas que eu fiz mesmo fora da minha área que são interessantes. Eu fiz

uma pesquisa sobre guerras no Sul do Brasil, por exemplo. Uma série incrível, que eu tinha de escrever um livro por mês. E nessa pesquisa eu encontrei algumas coisas muito interessantes.

Liana – Na palestra da II Semana do Jornalismo da UFC, o senhor falou sobre o mercado de jornalismo especializado. O senhor citou a noção de arte como um elemento essencial no fazer jornalístico. Por que essa percepção e o desenvolvimento dessa percepção artística são importantes?

Nilson Lage – Porque, a princípio, é preciso cultivar a sensibilidade. Se você não tempera a informação com a sensibilidade; se você não pensa que você está escrevendo para pessoas e que essas pessoas têm sentimentos; se você não contempla esses sentimentos, seu estilo se prejudica, seu discurso torna-se duro, você perde uma possibilidade enorme de construir algo mais atraente, mais agradável, mais suave. Você tem de ter a percepção... E outras coisas. A percepção da beleza é uma coisa que se transmite na diagramação, que se transmite na própria construção do texto, entende? A percepção que dá... Essas coisas que se percebe quando você aprende a ouvir uma boa música, a perceber uma bela paisagem ou uma bela pessoa. Você cultiva muito de uma coisa que não é só para jornalista, não, é para qualquer um. Que é de ser mais humano, em um mundo que está cada vez mais desumanizado.

Cinara – A última pergunta, para encerrar a entrevista. A produção conversou com familiares do senhor, amigos, colegas de profissão. Todos eles apontaram que suas opiniões são muito fortes, polêmicas. Mas, ao mesmo tempo, a sua filha Janaína disse que uma das suas características mais marcantes é sua capacidade de mudar de opinião. Inclusive ela disse que isso era um tipo especial de inteligência, contando até que “ele não cansa de me surpreender”. Disse que, de um dia para o outro, o senhor era sedentário e passou a fazer pilates. Não gostava de dançar e começou a fazer tango. Eu queria que o senhor contasse alguma situação em que mudar de opinião tenha marcado de alguma forma.

Nilson Lage – Olha, na verdade, a opinião é algo que existe para ser mudado. Eu não expresso opiniões que não tenho, expresso as opiniões que tenho. E procuro expressá-las da maneira mais sincera possível. Claro que opinião é uma coisa que se muda. Na verdade, esses dois casos, por exemplo, são casos que estão no contexto da superação da depressão. Para superar a depressão, eu construí uma série

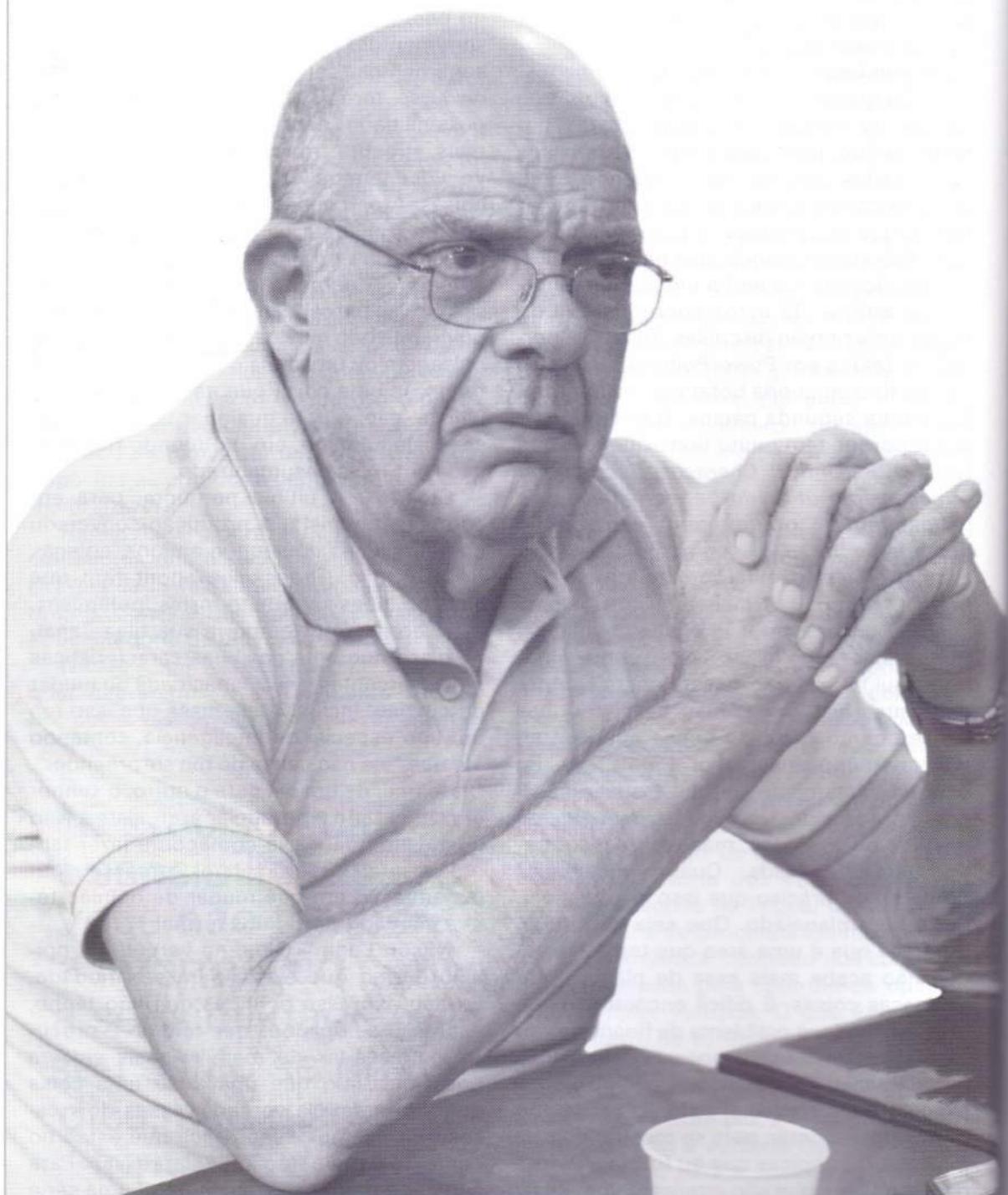
Camila precisou ter forças a mais para terminar a edição da entrevista. Devido à reação de uma vacina, passou alguns dias adoentada enquanto terminava de transcrever e editar. Força de vontade não faltou para finalizar o trabalho.

Também não faltou ajuda para Camila terminar a árdua tarefa de transcrever. Além da compreensão de Gabriela e do professor Ronaldo, Camila contou com a ajuda de seu pai, Rogério, que transcreveu 20 minutos de entrevista.

O momento da edição da entrevista foi complicado. Camila e Gabriela tiveram de ter grande senso crítico para decidir o que iria entrar na revista e o que ficaria de fora. Só ficamos aliviadas com a aprovação do professor Ronaldo.

de soluções pessoais. O pilates, por exemplo, foi uma forma interessante. Eu estou adquirindo musculatura na época em que as pessoas perdem. E com esses cuidados que eu tenho com a saúde, eu tenho a saúde extraordinariamente boa. Graças ao

pilates, graças à alimentação que eu tenho e graças ao vinho. O vinho é um elemento fundamental para você não ter problemas cardíacos. O vinho é um elemento que altera completamente a produção de colesterol, é uma coisa fantástica.



Os entrevistadores guardarão na memória essa primeira experiência na Revista Entrevista. Não é todo dia que podemos conversar com um dos jornalistas que tiveram grande importância para a conscientização da categoria.